UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Representações Sociais da Juventude sobre os Professores

Cristianne Ferreira Nascimento

BRASÍLIA - DF

2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Representações Sociais da Juventude sobre os Professores

CRISTIANNE FERREIRA NASCIMENTO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia sob a orientação da Profª. Drª Maria Zélia Borba Rocha.

BRASÍLIA - DF

2011

Dedico esse trabalho a minha mãe, minha primeira professora, que com todo amor, carinho, compreensão e paciência iniciou-me no caminho da leitura e da escrita.

Agradecimentos

Ao escrever a minha monografia, vivenciei momentos e sentimentos diversos, pois ela começou a ser construída no segundo semestre de 2008, com minha entrada no projeto de pesquisa *Representações Sociais, Juventude e Gestão da educação* (REJUGES). Posso até dividir entre momentos profanos e sagrados, pois o caminho percorrido foi assim. Não foi uma trajetória fácil, muitas tensões, medos e conflitos que caracterizam o profano, mas isso tudo foi superado. O sagrado posso dizer que foi o término desse trabalho, mais uma etapa concluída, a torcida, o apoio, os momentos felizes e o contato com pessoas maravilhosas que indireta e diretamente contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional. Assim, agradeço:

À Deus, pelo dom da vida e pelos desafios colocados em minha vida fazendo com que eu nunca desistisse de acreditar em meus sonhos.

À minha família, minha mãe Laurita, meu pai Antônio e minha irmã Tatiane pelo apoio e amor incondicional.

À Maria Zélia, minha orientadora, pela orientação desse trabalho. Suas orientações e conhecimentos contribuíram significativamente para a concretização desse trabalho.

À todos os professores e colegas que tive a oportunidade de conviver durante a minha graduação, cada um contribuiu a sua maneira para a minha formação.

E por fim aos meus grandes amigos do projeto de pesquisa, pessoas maravilhosas que tive a oportunidade de conviver e dividir momentos ímpares. Obrigada pela paciência e carinho. Essas amizades são para a vida toda: Aline, Alessandra, Cíntia, Ghorque, Letícia, Lusinete, Nathália, Símone e Tayane.

O bom professor é o que examina com cuidado aquilo que ensina para seus alunos. As ideias antigas não podem escravizar o pensamento dos homens, porque elas se adaptam e ganham novas formas com o passar dos tempos. (CONFÚCIO).

Sumário

MEMORIAL **vii**

RESUMO **x**

INTRODUÇÃO **01**

CAPÍTULO I – AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: ENTRE O SOCIAL E O INDIVIDUAL **03**

CAPÍTULO II – HISTÓRIA DA JUVENTUDE **19**

2.1. Jovens da idade antiga **20**

2.2. Jovens da idade média **22**

2.3 Jovens na era moderna **25**

2.4 Jovens na época contemporânea **26**

CAPÍTULO III –Professor: Entre um contexto historicamente sagrado e profano da profissão **31**

3.1 A imagem sagrada da profissão **39**

3.2 A imagem profana da profissão **43**

CAPÍTULO IV – Representações da Juventude sobre os Professores

4.1. A pesquisa **50**

4.1.1 Local **50**

4.1.3 Participantes **51**

4.1.3 Hipóteses **51**

4.2 Método e Instrumentos de construção dos dados **52**

4.3 Refino dos dados **52**

4.4 A análise dos dados **53**

4.4.1 Dados Gerais **53**

4.4.2 Dados sobre os professores **58**

CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS **69**

PROJEÇÕES FUTURAS **74**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **75**

VI – APÊNDICES **79**

1. Índice de gráfico **79**

2. Questionário **80**

MEMORIAL

Ao longo desses cinco anos de Universidade de Brasília, aprendi e vivi muitas coisas, há quem diga que cinco anos foram muito, que eu poderia ter terminado em três ou quatro anos, mas quis fazer em cinco, foi uma escolha e não me arrependo. Nestes dez semestres vivi emoções intensas no universo acadêmico, envolvida em um ambiente permeado de diversas culturas, classes sociais, pessoas e conhecimentos das mais variadas áreas. Cheguei nesse ambiente cheia de expectativas, sonhos e com certo medo de como seria essa trajetória acadêmica, do que iria encontrar, principalmente por eu ser extremamente tímida.

No primeiro semestre, em uma aula dita para conhecer os anseios dos alunos, fiz todos os trabalhos, fui a todas as aulas e no final o professor me deu menção: “MS”, fui questioná-lo o porquê dessa nota, uma vez que eu tinha feito tudo o que foi pedido, então ele me respondeu: *“ Você não é uma aluna SS.”* Fiquei perplexa e comecei a chorar, como iria continuar meu curso se mesmo fazendo tudo o que o professor pedia eu não iria obter nota SS e nem sei o motivo, poderia ser pela minha timidez. Entretanto, percebi que esse professor avaliava de uma forma personalista, ele considera outros requisitos que são irrelevantes explicitá-los aqui.

Outros fatores fizeram-me perceber que os alunos e professores que frequentam a universidade também são imbuídas de preconceitos. Agora como um professor pode formar outros imbuídos de preconceito racial e social? Por exemplo, muitos colegas meus diziam que jamais iram ministrar aulas em uma escola pública, com justificativas extremamente preconceituosas. Em muitas das minhas aulas na universidade professores doutores com um discurso todo bonito, mas suas ações excluíam alguns alunos. É, isso também existe na universidade não só no ensino fundamental e médio. Entretanto, os momentos bons superaram os ruins, mesmo tento visto tanta coisa que não concordava, tenho certeza que aprendi com todas as atitudes desses colegas e professores. Tive aulas fascinantes com professores maravilhosos que me impulsionaram a gostar desse curso. Fui monitora de algumas matérias, onde tive a oportunidade de aprender muito.

Meu projeto três sobre letramento também foi muito importante, mas não era o que eu queria ainda. Estava perdida em uma grande oferta de projetos que não me

cativavam. Mas no segundo semestre de 2008 a professora Maria Zélia abriu uma turma de projeto três, eu já tinha sido sua aluna em OEB (Organização da Educação Brasileira) e sabia como era profissional, mas tinha um problema eu era extremamente tímida, não falava nas aulas e isso poderia ser uma barreira. Alguns alunos foram convidados por ela para participar do projeto, mas mesmo sem ser convidada fui participar do grupo e por lá fiquei, mesmo me sentindo um peixe fora d'água no começo. Posso dizer que a minha entrada no projeto de pesquisa chamado Rejuges (Representações Sociais, Juventude e Gestão da Educação) foi fundamental para a minha permanência no curso de Pedagogia, pois ali consegui encontrar-me. Antes da minha entrada não sabia o que fazer, pois todos os projetos da faculdade de Educação são fragmentados e eu gostaria de fazer um que fosse contínuo. No projeto de pesquisa tive a oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas, amizades que atravessam os muros da universidade. No ano de 2010 fui aprovada no concurso da Secretaria de Educação, isso me deixou muito feliz. Posso dizer que estou feliz por está concluindo mais uma etapa que foi tão gratificante e prazerosa. Mas para chegar até aqui muita coisa aconteceu.

Antes de passar no vestibular para Pedagogia, fiz vários cursinhos e vestibulares para Arquivologia, pois era o que eu queria inicialmente. Estudei da pré-escola ao ensino médio em escola pública, um período marcado por greves, falta de professores e até de escola. Cheguei a estudar em um galpão, pois a escola ainda não estava pronta. Foram muitas as dificuldades, mas os momentos bons novamente superaram tudo e foi muito bom ter a oportunidade de estudar e de conhecer pessoas que até hoje fazem parte da minha vida.

Meus pais sempre me incentivaram a estudar, eles não tiveram essa oportunidade, pois começaram a trabalhar cedo, mas sempre se preocuparam com a minha educação e com a da minha irmã. Sempre fez muito esforço para pagar os cursos e comprar os livros. Minha família são pessoas muito importantes para mim, estão sempre ao meu lado, me apoiando em todos os momentos, sejam bons ou ruins, e me incentivando para crescer na minha vida pessoal e profissional.

Sou a primeira da minha família fazer um curso superior em uma universidade federal, sinto muito orgulho disso e fico muito feliz com toda a minha trajetória até o momento, sei que ainda tenho que batalhar para conquistar muitas

coisas e com muito esforço conseguirei. Sou de Brasília-DF e meu nome é Cristianne Ferreira Nascimento.

Resumo

O propósito deste trabalho é verificar as representações da juventude das escolas públicas de ensino médio do Distrito Federal sobre os professores. Procurando entender como os alunos classificam os professores, o que seria um bom e um mal professor na concepção dos alunos, e como isso reflete nas relações que os jovens têm com este profissional em sala de aula e fora dela. Para desenvolver esse trabalho foi necessário entender os processos que envolvem as representações sociais, a história da juventude e da profissão docente. A metodologia utilizada tem como base o método hipotético-dedutivo. A pesquisa de campo foi realizada por intermédio da aplicação de questionários estruturados mistos aos alunos das escolas públicas de ensino médio do Distrito Federal.

A pesquisa procurou descobri qual representação social os alunos têm sobre os professores e como isso reflete em seus comportamentos. Isso torna-se importante para que a sociedade consiga entender como o jovem vê seu professor, como se constroem as ideias valorativas que fazem com que qualifiquem o professorado como bons profissionais e como essas relações entre professores e alunos, dentro do universo escolar, refletem em seus comportamentos dentro e fora da escola.

PALAVRAS-CHAVE: representações sociais, professor, juventude.

Summary

The purpose of this work is to verify the representations of youth in public schools of secondary education in the Federal District on teachers. Trying to understand how students rate the teachers, which would be a good and a bad teacher in the design of the students, and how this reflects on the relationships that young people have with this work in the classroom and beyond. To develop this work was necessary to understand the processes that involve the social representations, the history of youth and the teaching profession. The methodology is based on the hypothetical-deductive method. The field research was conducted through structured questionnaires applied to mixed public school students from high school in the Federal District.

The research sought to discover which social representation students have on teachers and how this reflects in their behavior. This becomes important for society to understand how the young can see your teacher, how to build evaluative ideas that make the qualifying teachers as professionals and as such good relationships between teachers and students within the school environment, reflected in their behavior inside and outside the school.

KEY WORDS: social representations, teacher, youth.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema os professores e como objetivo identificar o que qualifica o bom e o mau professor e qual representação social os alunos têm sobre seus professores. Assim, foi realizada uma pesquisa para descobrir o que os alunos pensam sobre seus professores e como são suas relações dentro do universo escolar.

O ambiente escolar é permeado pelas relações que envolvem os atores sociais da escola, principalmente entre alunos e professores, um universo imbuído de complexidades e particularidades que o caracteriza. Assim, verificar quais representações o alunado tem sobre os professores torna-se fundamental para entender o porquê da valoração ou da desvalorização da profissão docente.

Esse trabalho faz parte do projeto de pesquisa intitulado *Representações Sociais, Juventude e Gestão da Educação* (REJUGES), que visa estudar as representações sociais da juventude sobre diversas vertentes, entre eles destacam-se: A violência escolar, o projeto político pedagógico, o estágio, a identidade cultural, a gestão democrática, a indústria cultural, o acadêmico e a participação política.

O primeiro capítulo apresenta os processos que permeiam as representações sociais entre o social e o individual, o seu conceito, os processos de construção e como elas regulam as sociedades. Tendo como arcabouço teórico os estudos de Émile Durkheim, Mary Douglas e Serge Moscovici.

O segundo capítulo apresenta o contexto histórico da juventude desde da idade antiga até a contemporaneidade. Evidenciando os ritos de passagem, os tipos de educação, o ideal de juventude e como as sociedades regulavam seus jovens.

O terceiro capítulo aborda a questão do professor, procurando deslindar como foi o começo da profissão e como ela é percebida hoje no imaginário social, evidenciando assim, o contexto historicamente sagrado e profano da profissão docente.

O quarto capítulo trata da metodologia de pesquisa. Aqui são apresentados o método, o instrumentos de construção dos dados, as hipóteses e como a pesquisa foi desenvolvida. A hipótese principal é: A juventude tem uma representação negativa

da profissão docente. A hipótese derivada é: As representações sociais que os jovens têm sobre os seus professores provocam mudanças no comportamento dos educandos dentro e fora da escola. A pesquisa foi realizada em escolas públicas do Distrito Federal situadas em cinco regiões administrativas. As cidades e as escolas foram escolhidas aleatoriamente por meio de sorteio estatístico. O instrumento de pesquisa consistiu na aplicação de questionários estruturados mistos com uma parte geral e outra específica referente ao objeto de estudo.

O Quinto capítulo refere-se as considerações finais. Sendo abordado questões fulcrais sobre o trabalho, evidenciando se as hipóteses foram refutadas ou corroboradas e revelando qual representação o alunado tem sobre seus professores.

CAPÍTULO I

As representações sociais: entre o social e o individual

> [...] desde o momento em que somos civilizados, não podemos mais renunciar à civilização sem renunciar a nós mesmos. (DURKHEIM, 1994, p. 87)

Toda sociedade estabelece um sistema de representações, um conjunto de valores, sentimentos, criam-se laços e necessidades que são partilhados com a coletividade, pois só assim é possível a vida comum. Uma aglomeração de pessoas e grupos não caracteriza e nem conceitua uma sociedade. *"Não é qualquer ônibus lotado ou um ajuntamento aleatório de pessoas que merece o nome de sociedade. É preciso que entre seus membros exista algum pensamento e algum sentimento que se assemelhem."* (DOUGLAS, 2007, p. 23).

A sociedade suscita anseios, cria normas e regras que são compartilhados pelos indivíduos, estabelecendo e definindo padrões e condutas que se tornam semelhantes por serem partilhadas coletivamente. O coletivo manifesta na sociedade as representações, que determinam valores, papeis sociais e estabelece hierarquias. É nos processos sociais que os sujeitos incorporam e transformam suas representações, estabelecendo a coesão social. É na escola que os indivíduos adquirem conhecimento e é por meio das interações sociais que as representações são construídas e modificadas. Assim, eles tendem a se comportar de maneira diferente quando estão sozinhos e em grupo. Isso foi percebido por Emile Durkheim que conseguiu conceituar, através dos seus estudos sobre as religiões primitivas, o que são as representações sociais. Já Serge Moscovici usa o conceito de Durkheim para teorizar as representações sociais.

Na sociedade o indivíduo depara-se com uma consciência social que é externa e prevalece sobre a consciência individual que é interna. Isso acontece por causa dessa coerção social que se impõem de forma prescritiva. *"[...] são impostos sobre nós, transmitidos e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas*

gerações." (MOSCOVICI, 2007, p. 37).

O homem opera e identifica as coisas em seu meio social por meio das semelhanças e diferenças. Essa primeira semelhança parte das características exteriores, por isso classifica. O indivíduo ao olhar o objeto novo, estranho e inédito, ocorre um sentimento de estranhamento, primeiramente. Em seguida, ao identificar-se com o objeto, o indivíduo o nomeia e o classifica em categorias que levaram a hierarquização. "[…] *classificação é sistema cujas partes estão dispostas segundo ordem hierárquica."* (DURKHEIM, 2008, p. 193). Por isso, para classificar usamos diversos conceitos para enquadrar o desconhecido: primeiro generaliza-o, reduzindo as distâncias entre os objetos conhecidos, ou mantém-se uma distância para analisá-lo, caracterizando assim a particularização. *"[...] mantemos a distância e mantemos o objeto sob analise, como algo divergente do protótipo."* (MOSCOVICI, 2007, p. 65).

As conversas entre amigos, os meios de comunicação de massa, e a sociedade influenciam direta e indiretamente esta classificação. Por isso, as representações sociais posicionam os objetos, as pessoas e os acontecimentos em categorias criadas previamente por nosso sistema de valor. *"Representação é, fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes."* (MOSCOVICI, 2007, p.62). As categorias são partilhadas pelos indivíduos tanto nos ambientes formais e informais. Isso faz com que cada indivíduo atribua valores diferentes aos seres e objetos. *"Quando classificamos uma pessoa [...] nós a confinamos a um conjunto de limites linguísticos, espaciais e comportamentais."* (MOSCOVICI, 2007, p. 63).

São vários os fatores que tornam o objeto familiar, para que ele não se torne perturbador, primeiro conhece-o para depois classificá-lo e por fim nomeá-lo. A partir da classificação, o objeto pode ser descrito por suas características externas, passando a pertencer a um universo onde seja semelhante a outro objeto, criando-se um contexto para deixá-lo estável, conferindo identidade. *"É dado um sentido, ao que antes não o tinha, no mundo consensual."* (MOSCOVICI, 2007, p. 68). Portanto, temos um produto dos pensamentos sociais que só poderia ter surgido coletivamente. É no meio social, por exemplo, que se classificam uns sendo melhores que outros, por isso a hierarquia é algo intrínseco à sociedade e é a partir

dela que refletimos as nossas representações do universo.

> Pensar é, com efeito, ordenar nossas ideias; é por conseguinte, classificar. Pensar o fogo, por exemplo, é colocá-lo nesta ou naquela categoria de coisas, de maneira a se poder dizer, que ele seja isto ou aquilo, isto e não aquilo. […] classificar é nomear; porque uma ideia geral só tem existência e realidade na e pela palavra que exprime e que faz, por si só, a sua individualidade. (DURKHEIM, 2008, p. 111)

Cada sociedade ordena suas particularidades, classifica tendo como base as semelhanças e as diferenças que certos objetos lhe conferem e ao classificar o homem hierarquiza. Os seres humanos reconhecem o outro pelas semelhanças exteriores. Classifica-se através das exterioridades. Isso significa que um objeto pode ter diversas classificações nas sociedades. "[...] *as imagens similares atraem-se, as imagens opostas repelem-se, e é seguindo o sentimento dessas afinidades e dessas repulsões que ele classifica, aqui ou ali, casos correspondentes."* (DURKHEIM, 2008, p. 190). Sendo assim, o critério de hierarquia muda de sociedade para sociedade, podendo ter um viés econômico, comportamental, de atitudes, de conhecimento etc.

A cada geração os indivíduos passam os seus rituais, suas crenças e sua noção de sagrado sobre algo que faz sentido para outra geração e isso vai-se tornando concreto na sociedade. Tudo o que é construído coletivamente pode-se tornar sagrado ou profano para a sociedade, então, quando um conjunto de ideias passam a ser semelhantes às consciências sociais elas passam a ser compartilhadas e classificadas. A sociedade cria leis, por exemplo, que exercem uma força moral sobre os indivíduos, essas leis são compartilhadas por todos e se tornam tao intrínsecas na vida de cada indivíduo que nem é percebido, aceitamo-las como se fossem naturais. Isso acontece de geração em geração perpassando séculos e as aceitamos com naturalidade, pois essas forças mesmo quando o indivíduo deixa de existir, elas continuam existindo, são as representações sociais, essa força que está ao mesmo tempo dentro e fora do indivíduo. *"Quando dizemos que esses princípios são forças, não tomamos a palavra em acepção metafórica; eles agem como verdadeiras forças. Em certo sentido, são forças materiais que geram, mecanicamente, efeitos físicos."* (DURKHEIM, 2008, p. 241).

As representações posicionam os indivíduos no mundo, dando significados aos objetos e isso é aceito com naturalidade. Mas as *"[...] representações são prescritivas, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível."* (MOSCOVICI, 2007, p. 36). Ao transformar o não-familiar em algo conhecido, os significados serão entendidos a partir de modelos, de concepções já estabelecidas em nossa mente que foram adquiridos anteriormente, tornando mais simples a compreensão do não–familiar, pois "*[...] a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não familiar [...]"* (MOSCOVICI, 2007, p. 54)

Quando o indivíduo tende a se comportar da forma como a sociedade considera certa, ele não o faz somente porque há um força coercitiva sobre ele, mas o indivíduo sente que cumpre um dever, a sua moralidade o inclina a obedecer, a se comportar da forma que a sociedade diz que tem que ser. Durkheim deixa isso claro quando diz que *"[…] Todos os seres que comungam do mesmo princípio [...] consideram-se, por isso mesmo, como moralmente ligados uns aos outros."* (2008, p. 241). Quando os indivíduos partilham dos mesmos valores, eles se sentem ligados, pois estão conectados por algo em comum. Se um indivíduo deixa de partilhar esses valores, quebra a essência, a ligação que existe e ele é excluído. Por isso, cada instituição ensina ao indivíduo o seu papel, a forma como deve se comportar perante a sociedade, mas essa se impõe sobre o indivíduo dizendo como ele deve se relacionar com a coletividade. Há uma força moral que plasma sobre os indivíduos por meio das instituições, criando as regras morais que agem da mesma maneira sobre os indivíduos, o que muda é o tempo e o momento em que isso ocorre; ela impõem uma maneira de agir sobre todos os indivíduos. Esses, ao participarem de um grupo, cultuam certos valores e por conseguinte, gostam de certas coisas que os caracterizam como pertencentes a um agrupamento social.

Assim, as representações são fenômenos com características particulares, um epifenômeno é caracterizado por um fenômeno causado por outro fenômeno mais importante. As representações sociais vão sendo construídas a partir de fenômenos secundários que causaram um efeito, uma mudança. Ao considerar a consciência como mero fator orgânico, as representações formadas não são conservadas, elas deixam de existir no momento em que não se pensa mais nelas e voltam a ressurgir quando algo nos faz lembrá-las, pois algo ficou na memória.

Os indivíduos não são guiados somente pelas ideias vivenciadas a cada instante, mas por tudo o que ele aprendeu e adquiriu ao longo de sua trajetória. Isso fica guardado na sua consciência que é imbuída de representações. Através das relações sociais, da comunicação entre os indivíduos são estabelecidos os fatos sociais que atuam de forma coercitiva, estabelecendo regras, padrões e comportamentos sociais. Os fatos sociais acontecem de forma independente dos indivíduos, eles não têm controle sobre tais fatos, tudo se estabelece entre as relações coletivas, entre os grupos e fora deles, tudo é interligado por fenômenos produzidos pela sociedade. Os fatos sociais caracterizam-se por serem exteriores aos indivíduos. Quando os indivíduos nasceram já encontraram uma realidade estabelecida com todas as suas regras e símbolos, essa realidade impõe-se sobre os indivíduos de forma coercitiva.

Entretanto, é por meio da coerção que a sociedade impõem-se sobre nós, somos aquilo que ela nos permite ser dentro dos padrões e limites estabelecidos por ela. Cumprimos certos rituais para não sermos vistos como estranhos e diferentes. Os indivíduos acreditam que fazem suas escolhas individualmente, mas essas escolhas estão imbuídas do meio social, são ações do meio exterior que agem no meio interior e nem percebemos. Tomar banho e escovar os dentes, por exemplo, é algo já estabelecido na sociedade que virou um hábito, quem não segue esses hábitos é visto como estranho. Isso não é algo individual, mas feito coletivamente.

Nesse contexto, as representações classificam em categorias os indivíduos, os objetos e mesmo que esses não se enquadrem em categorias a sociedade os classificaram, por existir uma força coercitiva que os “obrigam” a se enquadrarem em algum grupo social e aos padrões preestabelecidos. Isso, muitas vezes, acontece de forma inconsciente, pois percebemos apenas o que as convenções nos permitem ver e permanecemos inconscientes em relação a isso. Essa escolha para pertencer a um grupo social é feita para não sermos, de certa forma, discriminado perante o grupo.

Durkheim (2008) aponta que todas as categorias que nos rodeiam são construções sociais, principalmente os conceitos que nos regulam socialmente. A noção de tempo e espaço é um construto social e dependendo de como cada sociedade regula essas ideias é que seus indivíduos compreenderam esses

fenômenos. A forma como entendem esses conceitos e o que for socialmente importante é que será guardado e compartilhado por todos. Somos educados socialmente, a educação é um construto social e cada sociedade tem diferentes compreensões de educação. A sociedade romana tinha uma forma específica de educar suas crianças voltada para a formação militar. Já os jovens de hoje tem uma formação com outros valores. Isso é o que caracteriza cada sociedade. As mudanças começam a acontecer porque os valores, os padrões e os ritos vão sendo questionados e isso é caracterizado pelas representações, as representações sociais que vão sendo reelaboradas.

As representações sociais regulam as relações cotidianas nos mais diferentes grupos, pois elas são ancoradas num conhecimento, numa representação preexistente, pois algo já havia sido estabelecido antes, não sendo algo novo, mas simplesmente reelaborado. O pensamento social apropria-se do conhecimento do senso comum apropriando-se assim da realidade. As representações são constantemente transformadas em senso comum e esse também se transforma em representações sociais. Isso ocorre nas interações societais, pois as representações estão em um processo de comunicação com todos os ambientes formais, informais e com as diversas culturas proporcionando assim uma dinâmica na construção e reconstrução das representações e do senso comum. Como aponta Moscovici (2007).

> As representações sociais que combinam nossa capacidade de perceber, inferir, compreender, que vêm a nossa mente para dar sentido as coisas ou para explicar a situação de alguém. Elas são tão ‘naturais’ e exigem tão pouco esforço que é quase impossível suprimi-las. (p. 203).

Isso acontece nas situações cotidianas que, por serem tão intrínsecas no dia a dia, não fazemos diferenciação entre o que sejam representação e senso comum. Nós a interpretamos normalmente sem fazer questionamentos, como caracteriza Moscovici (2007) *“As pessoas que partilham de um conhecimento comum no decorrer de sua vida cotidiana não ‘raciocinam’ sobre ele e não conseguem colocá-lo diante de si como um ‘objeto’.”* (p. 203). A teoria das representações sociais é voltada para o estudo de fenômenos do senso comum, esses fenômenos são constituídos de processos de pensamento lógicos, emocionais e também não

conscientes que determinam atitudes e comportamentos. Assim, as instituições sociais são *locus* imbuídos de moralidade, valores, princípios, regras e ideias comuns, que exercem uma função social, produzem laços sociais, rituais, hierarquia e coesão social. Isso se plasma nos indivíduos, padronizando os comportamentos e fundamentando os laços sociais que reforçaram a coesão social.

Os fenômenos sociais exercem uma força moral sobre os indivíduos que permitem a coesão social e isso confere identidade ao grupo. Certos fatos sociais, por exemplo, não podem ser julgados quando se encontram em épocas distintas, pois as sociedades são diferentes. Um fato social só pode ser compreendido dentro de um contexto social, pois parte-se da realidade para explicar o fato. Num dado contexto social escravizar e bater em indivíduos era totalmente permitido, pois a sociedade compartilhava desses valores e ritos. Nos dias atuais, isso não é mais permitido, pois não há compartilhamento desses valores e ritos, a sociedade mudou e compartilha outros valores e outros ritos. As representações sociais mudam, no tempo e no espaço, por isso não se pode julgar duas sociedades pelos seus fatos sociais, pois elas se encontram em momentos, tempos e espaços distintos, e podem ter culturas diferentes. *"[…] para bem compreender uma instituição muitas vezes é bom segui-la até fases bem avançadas de sua evolução; porque, as vezes, é quando ela está planamente desenvolvida que o seu significado aparece com maior clareza."* (DURKHEIM, 2008, p. 135). Por isso, a essência dos laços sociais estão no partilhamento dos sistemas de crenças, por explicarem a realidade do grupo. Os sistemas de crenças é o cimento social de uma sociedade, pois são elas que regulam as atitudes dos indivíduos.

A organização social e o partilhamento dos sistemas de crenças criam os laços sociais que fazem com que os indivíduos tenham uma identidade, quando há este compartilhamento eles se reconhecem e quando não há, acontece o estranhamento. Isso pode ser exemplificado pelas diversas culturas, quando conhecemos uma cultura diferente da nossa, estranhamos seus costumes e começamos a questioná-las e a excluir os indivíduos que fazem parte dessa cultura, pois ele foge as padrões culturais estabelecidos. A relação entre o indivíduo e a sociedade opera-se através dos objetos da realidade, das coisas que provocam sensações, sentimentos e paixões no pensamento, na cognição, imaginação e na

razão dos indivíduos e isso acontece pelo processo de comunicação.

Assim, as representações sociais nascem, são criadas na coletividade, por intermédio das interações com os indivíduos. As representações se materializam em símbolos e rituais para reforçar as consciências individuais, para se perpetuarem, assim como acontece com as ideias. Servem para solidificarem nas consciências individuais e se isso não existir, acontece a heterogeneidade e enfraquecimento da unidade moral. Sem a existência dos ritos compartilhados eles deixam de existir. Por isso, as informações que obtemos estão cheias de representações que foram reelaboradas por outros indivíduos, pois não temos informações cruas, sem representações, mas sim conhecimentos que são permeados por diversas representações. As representações sociais constituem para nós um tipo de realidade e essa é socialmente aceita e nem percebemos isso. Elas se impõem sobre nós e tem como finalidade tornar familiar algo não familiar, o desconhecido em conhecido.

Para tornar o não familiar em familiar os indivíduos apropriam-se da objetivação para tornar concreto algo abstrato, descobrindo uma imagem, um conceito ou uma ideia tornando-os reais, fazendo com que sejam visualizados, criando uma imagem mental na tentativa de apropriar-se do objeto estranho. Assim, a objetivação faz com que *"[...] a distinção entre imagem e realidade são esquecidas, as imagens [...] passam a existir como objetos, só o que significam."* (MOSCOVICI, 2007, p. 78).

Nessa perspectiva, Moscovici (2007) evidencia que o real estabelecer-á a partir das vivências dos indivíduos, suas experiências serão guardadas na memória, na caixa de imagens de cada um. *"É dessa soma de experiências e memórias comuns que nós extraímos as imagens, linguagem e gestos necessários para superar o não-familiar, com suas consequentes ansiedades.*" (MOSCOVICI, 2007, p. 78). Essa caixa de imagens são nossas ideias que é caracterizado pelo núcleo figurativo, é dele que emergem as fórmulas e os clichês. *"[...] ele passa a ser usado em várias situações sociais, como um meio de compreender outros e a si mesmo, de escolher e decidir."* (MOSCOVICI, 2007, p. 73).

O estranho é perturbador para os indivíduos por isso deseja-se tanto tornar o não familiar em algo familiar imediatamente, pois é preciso dar significado aos

objetos. Quando algo é estranho, nos desequilibra e a familiaridade faz com que o reequilíbrio se estabeleça, dando significado à realidade. Isso acontece no processo de ancoragem, pois houve uma aproximação com o que ele já conhecia. Essa transferência do novo para o conhecido ocorre por meio da livre associação que o senso comum elabora. Esse processo é, de acordo com Moscovici (2007) *"[...] um simples problema de analogia, mas uma função real, socialmente significante, uma mudança de valores e sentimento."* (p. 57). Sendo algo que não se enquadra na caixa de valores que cada indivíduo tem, isso torna tudo estranho e perturbador. Para que essas imagens criadas pela objetivação tenham sentido é preciso ancorá-las sendo caracterizada por ser *"Um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada."* (MOSCOVICI, 2007, p. 61).

Os indivíduos comparam o novo a algo existente em suas bagagens conceituais, enquadrando ideias, fatos e pessoas estranhas a categorias e imagens comuns. Retirando-o de um mundo de confusão, perturbador para um universo familiar. *"Mesmo quando estamos conscientes de alguma discrepância, da relatividade de nossa avaliação, nós nos fixamos nessa transferência, mesmo que seja apenas para podermos garantir um mínimo de coerência entre o desconhecido e o conhecido."* (MOSCOVICI, 2007, p. 61). Isso é feito para que o equilíbrio seja estabelecido, para que o indivíduo esteja numa posição confortável em relação ao novo. *"Para controlar uma ideia ou percepção estranhas, começamos por ancorá-lo em representações sociais existentes e é no curso dessa ancoragem que ele se modifica."* (MOSCOVICI, 2007, p. 207). Para tornar algo familiar os indivíduos tendem a classificar e a rotular os objetos, dando-lhes nomes, significado, comparando com algo existente. "*Dar nome não é uma operação puramente intelectual [...]. É uma operação relacionada com uma atitude social."* (MOSCOVICI, 2007, p. 68). Isso está intrínseco à sociedade, tudo se nomeia e se classifica para que dessa maneira os indivíduos se sintam confortáveis. Mesmo antes de um indivíduo nascer, ele já é nomeado. Quando algo é criado à primeira coisa que se pergunta é que nome será dado ao novo objeto, tudo isso para que não seja algo estranho a sociedade.

As coisas só começam a fazer sentido quando elas saem do universo abstrato e passam a ser reais, pois assim o indivíduo consegue trazê-lo à realidade. Tudo o que os indivíduos pensam e falam só é possível se for decodificado por intermédio das palavras e é como a realidade torna-se compreensível. O indivíduo, ao pensar algo, ordena por meio das suas ideias já formadas e classifica no universo de conceitos que possui. Ao fazer isso, nomeia-se o que era abstrato tornando-se real, desmistificando o que era desconhecido e trazendo para a realidade. A linguagem foi sendo derivada de outra para chegar à concretude de hoje. Nomeia-se primeiro por intermédio do mais próximo, depois generaliza-se. Esse processo acontece por meio do processo de ancoragem. Começa a nomear a partir de vocábulos que já existem e posteriormente criam-se novas palavras.

Assim, a realidade entra no indivíduo através das sensações, dos cinco sentidos. Dependendo da proximidade e da distância, ele vai refletir sobre esse fenômeno, suas representações sobre determinada coisa podem ramificar-se em proibições e permissões que o faz classificar, dividindo entre o que é sagrado[1] e profano. Ao fazer isso, cria-se uma homogeneidade nos pensamentos, nas ações e nos comportamentos dos indivíduos. As expressões dos sentimentos e a imaginação coletiva reforçam nas consciências individuais esses fenômenos, e quando há mudanças ocorrem abalos na coletividade. É um processo dinâmico e mútuo. Isso é a sociedade exercendo sua autoridade moral, estabelecendo a unidade moral entre os indivíduos. Por intermédio do processo de comunicação, sentimentos e coisas que ocorrem entre os indivíduos nascem as representações sociais. A sociedade criou meios de compensação social para quem adere aos sistemas de proibições e permissões. A escola, é um exemplo, por ser um ambiente de sociabilidade, uma instituição social onde acontece o desenvolvimento do processo de aprendizagem. Os agentes sociais participantes desse ambiente fazem com que o universo escolar seja propício ao desenvolvimento das representações e, principalmente, das representações que o alunado tem sobre os professores. As representações sociais *"[...] são formadas através de influências recíprocas, através de negociações implícitas no curso das conversões, onde as pessoas se orientam para modelos simbólicos, imagens e valores compartilhados específicos."* (MOSCOVICI, 2007, p.

[1] Abordagem durkheimiana

208).

As representações sociais são expressões coletivas de sentimentos, paixões que os homens produzem sobre a coisa, a realidade. O homem classifica como novo ou como estranho, partindo disso, da hierarquização que faz entre proibições e permissões. A classificação leva à dualidade entre o novo/estranho e o conhecido. A hierarquização leva à diferenciação entre o profano e o sagrado, orientando o que o indivíduo pode ou não fazer. Por partilharem das mesmas representações, os pensamentos e os comportamentos são homogeneizados, produzindo uma unidade moral entre os indivíduos.

Nesse contexto, o pensamento é construído através dos sistemas de interpretações da realidade, que são reinterpretados a todo momento. De acordo com Moscovici (2007), "[...] *as representações são entidades sociais, com uma vida própria, comunicando-se entre elas, opondo mutuamente e mudando com o curso da vida; esvaindo-se, apenas para emergir novamente sob novas aparências."* (p. 38). Esses fenômenos acontecem em todas as esferas sociais conforme o tempo e o espaço. Os indivíduos ao partilharem seus sistemas de valores e crenças os fazem na sociedade, que se representa em nós com o mais alto grau de realidade. As ideias de tempo, espaço, os costumes, hábitos e as regras são criadas e compartilhadas socialmente.

Cada grupo social categoriza seus objetos e seus valores, pois um indivíduo não consegue fazer isso sozinho, não consegue transformar a realidade. Somente o coletivo consegue transformar a realidade, por existir uma força moral do grupo que desestrutura os seres individualmente. Se os indivíduos não partilharem as mesmas ideias, a vida coletiva não seria possível, pois elas mudariam e as instituições desapareceriam, não sendo possível a vida comum, pois *"[...] são compartilhados por todos e reforçados pela tradição[...]"* (MOSCOVICI, 2007, p. 41). A racionalidade humana não é questionada por ser um construto social já consolidado na sociedade, os indivíduos acreditam nisso. Por isso, os indivíduos para se sentirem pertencentes a um grupo social passam a seguir as regras daquele grupo, pois isso lhes conferem segurança e identidade. A sociedade exerce uma força coercitiva, uma autoridade sobre os indivíduos da qual eles não conseguem escapar. Mesmo quando há resistência ou desvio dos indivíduos, ela impõem-se a nós com mais força, forçando-

nos a nos enquadrar em uma categoria, a nos inclinarmos a ela para que não sejamos excluídos, pois a exclusão gera desconforto causando incômodo ao indivíduo. Para não ser excluído, o indivíduo adequa-se a um grupo.

Os homens encontram-se em um universo social onde as regras sociais estão atuando constantemente sobre eles, mesmo sem pensar nelas há uma atuação constante dessas regras e os indivíduos nem percebem, pois não conseguimos pensar e controlar isso o tempo todo. As representações agem sobre nós com uma força irresistível. Tudo o que está a nossa volta age de forma coercitiva sobre todos nós.

> É por isso que, quando procuramos nos libertar dessas noções fundamentais, ainda que seja no nosso íntimo, sentimos que não somos completamente livres, que alguma coisa nos prende, em nós e fora de nós. Fora de nós há a opinião que nos julga; mas além disso, como a sociedade está também representada em nós, ela se opõe do interior de nós mesmos e essas veleidades revolucionárias; temos a impressão de que não podemos nos abandonar a isso sem que o nosso pensamento deixe de ser pensamento verdadeiramente humano. (DURKHEIM, 2008, p. 46-7).

As representações sociais não são fixas e imutáveis, ao contrário, são dinâmicas e mutáveis. São construídas, desfeitas e reconstruídas a todo momento e em todos os lugares, elas nascem das nossas experiências, conflitos, interações sociais, das regras e da moral. Está constituída nas instituições e é estabelecida pela sociedade. Isso não se dá no campo individual, somente no coletivo. Os indivíduos encontram-se em constante conflito com o seu ser individual e o social, pois a moral social que é exterior aos indivíduos age de forma coercitiva, impondo-se a eles, por isso:

> As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que estende não apenas no espaço, mas no tempo; para produzi-las, uma multidão [...] associaram, misturaram, combinaram suas ideias e seus sentimentos, longas séries de gerações acumularam aí a sua experiencia e o seu poder.”(DURKHEIM, 2008, p. 45).

As representações sociais são compostas de elementos estáveis e periféricos. Os elementos estáveis são mais resistentes ao novo, às mudanças, pois assim conseguem fazer com que exista uma igualdade entre as atitudes, as opiniões coletivas. Já os elementos periféricos são menos resistentes às mudanças, pois

existe uma variedade de opiniões e ideias que são discutidas pela sociedade. As operações que existem entre a cognição e a comunicação, a linguagem e a informação fizeram com que as representações acerca do conhecimento popular evoluíssem por meio do conhecimento prático. As interações que os sujeitos fazem, as nossas representações e os conhecimentos são transformados pelo meio, as ideias e as atitudes são sempre influenciadas pela coletividade. Nossas representações são sempre interpretadas de uma maneira diferente por cada indivíduo, pois cada um tem uma experiência, tem suas pré- noções e isso influencia em seu discurso.

As representações não são simples descrições de ideias, objetos e pessoas. Suas significações são constituídas de elementos reais. A apropriação da realidade acontece no dado momento em que os conceitos, os valores, as imagens, os símbolos e os objetos são partilhados coletivamente e isso é feito socialmente. *"O que as sociedades pensam de seus modelos de vida, os sentidos que conferem a suas instituições e as imagens que partilham, constituem uma parte essencial de sua realidade e não simplesmente um reflexo seu."* (MOSCOVICI, 2007, p. 173).

De acordo com Durkheim (2008), a primeira intuição a exercer uma força moral sobre os indivíduos foi a religião. Quanto maior a unidade moral maior é a coesão social e há uma força moral, valores, princípios e comportamentos que impõem-se sobre os indivíduos. As instituições são *locus* específicos para as representações sociais, pois são lugares de interações grupais onde os indivíduos se comunicam, através dos valores e das classificações que fazem de tudo. Isso é transformado constantemente pelas representações sociais que são uma reelaboração psíquica/cognitiva das impressões vivenciadas. Entretanto, a autoridade moral é coercitiva, não a sentimos, ela é desejável, pois precisamos nos sentir aceitos e para isso ela oferece elementos de compensação que nos faz aderir a elas.

A sociedade exerce nas consciências dos indivíduos uma força exterior que dita, impõem e comanda ações, comportamentos e atos. Na qual eles não conseguem se esquivar, pois a sociedade desperta sensações que fazem com que o indivíduo dependa dela. Ela é vista como algo sagrado estando acima de nós e mesmo não sendo aprovado pelo indivíduo, esse será submetido as normas

estabelecidas. Ao agir contra ao que é imposto há regras punitivas. *"[…] é por isso que a cada instante somos obrigados a nos submeter a regras de comportamento e de pensamento que não fizemos nem quisemos, e que ás vezes são até contrarias as nossas tendencias e aos nossos instintos fundamentais."* (DURKHEIM, 2008, p. 261).

A sociedade estabelece as relações entre os indivíduos por meio das regras. Para cada ação há uma reação diferenciada, de acordo com as atitudes de cada um. Os indivíduos ao se unirem em grupo se sentem mais propensos, mais seguros para enfrentarem a realidade, pois existe uma forte consciência coletiva que os unem o que torna a coesão mais forte. A sociedade não se divide em uma soma de consciências individuais, mas de uma consciência coletiva que está dentro de nós, mas também é exterior a nós. Damos-lhes constantemente novos significados. Isso não acontece de foma passageira por serem ressignificados a todo instante e por já se encontrar internalizada nos indivíduos não percebemos que acontece.

> […] Foi a sociedade que as gravou em nós, e como o respeito que inspira comunica-se naturalmente a tudo aquilo que vem dela, as normas imperativas do comportamento, devido a sua origem, se veem investidas de autoridade e de dignidade que os nossos outros estados interiores não apresentam: assim, atribuímos-lhes um lugar à parte no conjunto da nossa vida psíquica, não há sentimentos em pé de igualdade com ela. (DURKHEIM, 2008, p. 323).

Durkheim (2008) percebe que as sociedades se organizam de forma coletiva. Há regras e normas que estabelecem a convivência em grupo, um sistemas de representações coletivas que se interrelaciona com todos os indivíduos.

> […] são consciências que exprimem um só e mesmo objeto, o mundo; e como o próprio mundo é apenas um sistema de representações, cada consciência particular é, em suma, apenas o reflexo da consciência universal. Só que cada uma o exprime do seu ponto de vista e à sua maneira. (DURKHEIM, 2008, p. 331).

As representações dos indivíduos sobre o sagrado, por exemplo, são estabelecidas nas consciências por intermédio das instituições. Todas as instituições têm seu núcleo sagrado que são passados para os indivíduos. Há uma estabilidade nelas por ocorrerem no cerne da coletividade. *"[…] a única maneira de renovar as*

representações coletivas que se referem os seres sagrados é retemperá-los na própria fonte da vida […] nos grupos reunidos." (DURKHEIM., 2008, p. 415)

Percebe-se assim, que o cerne da coletividade encontra-se no reforço que se dá as regras morais e quem faz isso é a sociedade. As instituições escolares, ao estabelecerem uma idade inicial e final para que o indivíduo complete seus estudos, procuram fazer com que as forças morais se perpetuem entre esses indivíduos. Para que isso seja realizado de forma eficiente e eficaz começa-se pelo sistema educacional, para que se consiga introjetar a cada ano os valores que regem a sociedade. É no processo educacional que as normas são internalizadas nos indivíduos, pois o comprometimento com alguma coisa leva ao engajamento ou ao distanciamento do indivíduo por algo.

Nesse contexto, a sociedade ao criar as regras morais faz com que os indivíduos dependam dela, pois são esses que dão materialidade e tornam reais as regras. Isso significa que os indivíduos são regulados por ela, por compartilharem das mesmas crenças, valores e ideais. Se isso deixar de ser compartilhado pela coletividade a sociedade desaparecerá.

> […] o indivíduo recebe da sociedade o melhor de si mesmo, tudo aquilo que lhe dá fisionomia e lugar de destaque entre os outros seres – sua cultura intelectual e moral. Retiremos do homem a linguagem, as artes, as crenças da moral, e ele cai ao nível da animalidade. Os atributos característicos da natureza nos vem, portanto, da sociedade. Mas, por outro lado, a sociedade só vive nos e pelos indivíduos. Se a ideia da sociedade se apaga […] se as crenças, as tradições, as aspirações da coletividade deixam de ser sentidas e partilhadas pelos particulares a sociedade morrerá. (DURKHEIM, 2008, p. 416-17)

Somos seres sociais, por isso criamos e recriamos as representações coletivamente. As representações reforçam e mudam as consciências individuais, essas reforçam e mudam as representações sociais e as consciências coletivas, essas reforçam e mudam as consciências coletivas. Isso é um ciclo, um processo mútuo e constante.

As representações sociais são exteriores a nós e ao indivíduo, pois são sedimentadas na coletividade. Não é algo individual, as representações sociais são processadas no ambiente coletivo e é a partir disso que os indivíduos constroem as

suas noções de valores, sentimentos e pertença. As representações sociais nascem das relações em grupo, não são criadas isoladamente, individualmente. *“O que representações coletivas expressam é a maneira como o grupo pensa a si mesmo em suas relações com os objetos que o afetam.”* (DURKHEIM *apud* MOSCOVICI, 2007, p. 218). Isso é algo tecido constantemente nas relações sociais, principalmente, nas práticas sociais e educativas, na interação entre professores e alunos.

CAPÍTULO II

História da Juventude

> Há muitas maneiras de ser jovem […] mas apenas uma é boa, a que convém exatamente a determinado tempo e a determinada sociedade. (LUZZATO, 1996, p. 243)

A dificuldade em conceituar juventude, de acordo com os diversos estudiosos do tema, encontra-se na definição do seu conceito, por ser um período em que cada sociedade o caracteriza de uma forma diferente. Maia (2002) caracteriza a juventude como sendo *" Uma fase da vida situada algures entre a infância e a idade adulta, mediante o reconhecimento de problemas sociais que afectariam especificamente essa categoria."* (MAIA, 2002, p. 218). Por intermédio dos estudos sobre o assunto é possível compreender como foram sendo construídos historicamente nas sociedades os símbolos, valores e os conceitos sobre a juventude e como isso foi sendo perpassado ao longo do tempo.

Ao deslindar a trajetória histórica da juventude, verifica-se que há uma preocupação em educar e impor limites aos jovens em todas as sociedades. Expectativas são depositadas de maneira cautelosa, pois essa fase é cheia de ameaças, potencialidades, conflitos e anseios. Caracterizando-se como uma fase transitória, uma construção social que faz com que não exista somente uma juventude única, mas diversas juventudes. Verifica-se que em cada época os jovens tinham que obedecer às regras impostas pelos mais velhos, garantido com que houvesse um controle sobre eles. Os valores foram sendo mudados sócio historicamente ao longo do tempo.

A juventude está centrada em uma construção cultural, histórica e social, uma vez que cada sociedade delimita uma idade que caracteriza suas juventudes, impondo-lhes limites, regras e valores. Essas juventudes possuem características singulares. *"[...] em nenhum lugar, em nenhum momento da história, a juventude poderia ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos ou jurídicos. Sempre e em todos os lugares, ela é investida também de outros valores."* (LEVI; SCHMITT, 1996, p. 14). Outro aspecto importante é que a idade é caracterizada como uma fase, um momento em que o jovem está e que vai passar, uma transição,

mas mesmo quando passa, ele não deixa a condição de ser jovem. *“[...] pertencer à determinada faixa etária representa para cada indivíduo uma condição provisória. Mais apropriadamente, os indivíduos não pertencem a grupos etários, eles os atravessam.”* (LEVI; SCHMITT, 1996, p.08-09). Cada sociedade, com suas peculiaridades, delimita a idade, o período em que começa e termina a juventude nos contextos sociais. As diferenças sociais, local de moradia, costumes, valores, empregabilidade são fatores que diversificam as diversas juventudes.

Desse modo, em cada época a juventude é representada de uma forma: na Idade Antiga a juventude era preparada para as guerras; na Idade Média educava-se para que os jovens assumissem papeis sociais em suas comunidades, preservando os valores e a educação tinha essa função; no século XIX a juventude operária é preparada para o trabalho, já a juventude revolucionária é caracterizada pela participação nos movimentos sociais.

Será feita uma abordagem cronológica, mostrando a evolução histórica e social da juventude, para que possa ser melhor compreendido. As obras organizada por Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt - *“História dos Jovens”* ajudam a compreender essa evolução da juventude da antiguidade até a era contemporânea. Já a obra de de Helena Abramo e Paulo Branco - “*Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.”* nos auxilia a conhecer os anseios da juventude brasileira do século XXI.

2.1 – Jovens da Idade Antiga

Os valores que os gregos pregavam para a sua sociedade estavam ligados ao prazer e a arte, essas duas condições eram buscadas para a convivência dos indivíduos na vida cotidiana. Isso não era adquirido de uma hora para outra, mas sim desenvolvido ao longo do tempo e a melhor fase para começar esse desenvolvimento era pela juventude. A sociedade preparava seus jovens para a vida em comunidade, eram treinados para a vida militar, aprendiam sobre a educação sexual e oratória. A preparação do indivíduo para se tornar cidadão integrava o conceito de paidéia. *“A paidéia não busca somente adaptar o cidadão à cidade. Ela deve contribuir para revelar qualidades humanas presentes em estado virtual em*

todos os futuros cidadãos, mas que precisam ser descobertas e desenvolvidas por meio de treinamentos específicos." (SCHNAPP, 1996, p.19).

A *paidéia* era um sistema de tradições que conduzia e preparava os jovens para a vida, para se tornarem cidadão completos. Aqueles que beneficiassem a comunidade, que fizesse algo por ela eram valorizados. Na sociedade grega, o jovem era preparado para a vida política, militar e pública, já as jovens para cuidar da família. Exaltava-se os valores masculinos, pois eram os jovens do sexo masculino que ingressavam no exército, formando o poder grego. Para se tornarem cidadãos completos os jovens eram educados pelas indivíduos mais velhos, pois esses preparavam para guerra definindo a função social que os jovens tinham naquela sociedade. Eram instigados a trabalharem em equipe e estimulados a serem habilidosos e perfeitos. A educação moldava o indivíduo, tornando-o virtuoso, solidário e obediente às leis. Os treinamentos específicos visavam revelar suas qualidades e buscava-se educar não só um pequeno grupo, mas toda a juventude da cidade.

A forma rígida como eram educados tinha como função a busca de uma coesão entre os jovens, para uma formação mais sólida. O serviço militar representava o auge na formação dos jovens, pois envolvia muita disciplina, interação coletiva e conhecimento do território. O exercício da caça era valorizado pelos gregos e visto como uma forma de educar os jovens. *"[...] os jovens se singularizam como um grupo particular, sujeito a comportamentos identificados. Os exercícios corporais, a caça, os treinamentos militares desempenhavam papel decisivo nesse período de formação."* (SCHNAPP, 1996, p. 35). Portanto, a juventude era moldada através da educação, pois visava a educação do espírito e do corpo, eram reconhecidos e identificados por praticarem a caça, os exercícios, as corridas e a ginástica. Tudo isso preservado nas pinturas e imagens que se têm daquela época, mostrando a valorização da juventude. A beleza era representada na pintura como jovens fortes e virtuosos, sendo o reflexo de como a educação transformaria aqueles indivíduos não só seus corpos mais também seus valores, seus modos de pensar e agir em sociedade.

No mundo romano, a juventude ocupava um *locus* singular na sociedade, pois eram preparados para contribuírem para o seu desenvolvimento, não

individualmente, mas coletivamente. Observa-se que tanto a sociedade grega quanto a romana tinham ritos de passagem específicos e dava-se muito valor à formação desses indivíduos. A educação formava o cidadão tendo como base os valores que ajudariam a desenvolver a sociedade, buscando a coesão e a harmonia social. Educa-se para a sociedade, para que os valores, costumes e as regras morais sejam cuidadas e preservadas. Os jovens dessa época praticavam a caça, corrida, esgrima e equitação. Esses exercícios ajudavam na formação do corpo e do espírito, contribuindo para a formação do indivíduo adulto. Havia rituais específicos para ambos os sexos. As idades eram divididas pelas instituições políticas e militares de Roma, pois o exército tinha uma divisão entre *iuniores* e *seniores.* A infância (*puer*) durava até os quinze anos, a adolescência (*adulescentia*) durava dos quinze ao trinta anos, e a juventude (*iuventa*) dos trinta aos quarenta e cinco anos quando se tornavam *seniores*. Observa-se que era chamado de jovem a faixa etária que hoje chama-se idade adulta.

O pátrio poder dava aos pais o direito sobre a vida dos filhos, decidindo até sua morte. A disciplina era muito rígida, principalmente no exército, pois preparava o indivíduo para a guerra e a desobediência poderia causar a morte do jovem. *"[...] não hesitava em condenar o filho a morte por ter violado não só o édito dos cônsules, mas também a disciplina do exército; sabe perfeitamente que o exemplo que dá é triste e doloroso, mas o considera salutar no futuro para a juventude romana."* (FRASCHETTI, 1996, p. 80). Isso fazia com que a juventude obedecesse os valores dos mais velhos, as regras existentes, mostrando e instituindo o poder que os pais tinham sobre todas as coisas, evitando assim o conflito entre gerações, pais e filhos. As mulheres não eram caracterizadas por suas idades, isso não era importante no caso delas, mas pela sua condição física ou social. O rito de passagem que dava fim ao período da juventude romana é caracterizado pelo uso da toga viril e só os homens participavam, representava o começo para a vida adulta. A partir disso poderiam acompanhar os negócios públicos na condição de aprendizes.

2.2 Jovens da Idade Média

Diferente da sociedade romana, a judaica não usava o pátrio poder para controlar a juventude, pois isso era feito por meio da educação. Verifica-se que na

Europa entre os anos de 1300–1800, havia diversas juventudes, filhos de artesãos, comerciantes, pobre e ricos, com características distinta. Os jovens ricos dos sexo masculino passavam grande parte da juventude estudando textos religiosos e alcançavam a maioridade ao treze anos de idade, marcada pela cerimônia do *bar mitzvá.* Entretanto, a ruptura da infância para a adolescência ocorria aos dez anos de idade, tanto para os rapazes quanto para as moças. A educação das jovens era voltada para preparação matrimonial, por isso casavam cedo, entre onze e doze anos de idade.

Havia uma preocupação, nessa época, em educar os jovens independente de sua classe social, pois a educação era uma forma de controlar socialmente essa parcela da população. O bedel era responsável por fiscalizar os jovens e aqueles que fossem pegos em atitudes proibidas seriam castigados e açoitados. Esses castigos foram proibidos posteriormente, mas a função do bedel continuou a existir. Os jovens dessa época também se divertiam e as atividades que caracterizavam a diversão eram o consumo de bebidas e os jogos com bola. A sociedade dessa época já tinha meios de manter as suas juventudes sobre controle. Ao completar vinte anos o jovem deveria se casar e os que não se casavam até essa idade eram estigmatizados. *“[...] o indivíduo alcançava um status e uma respeitabilidade cada vez maiores à medida que passava da adolescência para a maturidade, mas, por outro, se chegasse a certa idade ainda solteiro poderia perder tal status e despertar suspeitas.”* (HOROWITZ, 1996, p. 108).

Marchello-Nizia (1996) mostra que a juventude medieval tinha diversas características e uma delas era que: *“A cortesia é certamente um ideal social.”* (p. 168), pois nessa época representava o modelo ideal de jovens que a sociedade gostaria de ter. Com uma formação em novos valores, os comportamentos juvenis seriam modificados, pois só assim se encaixariam no ideal societário. Jovens palacianos obedientes, leais, aventureiros, generosos e elegantes, que faziam de tudo em beneficio do grupo, da instituição a que serviam. O coletivo estava cima do individual, e se fosse preciso morrer para defender o grupo isso era feito de forma exemplar.

Já os jovens da Itália medieval havia um grande conflito social na época, pois objetivava-se que os jovens participassem da vida política da cidade, entretanto

eram vistos como ameaça pelos governantes. Por serem vistos como um perigo deveriam ser controlados.

> Em geral, a juventude é mostrada ai como turbulenta, ruidosa, perigosa. Faz desordens, não respeita nada, transgredi a ordem social e moral. Os jovens desprezam os valores estabelecidos e as pessoas idosas, consideradas 'caquéticas'. São insolentes, briguentos, creem saber tudo, entregam-se a loucuras de todo tipo, gastam irrefletidamente, vivem na luxuria e no pecado. (PASTOUREAU, 1996, p. 259).

O início da juventude se dá entre os catorze e vinte e um anos, mas o que caracterizava os jovens eram o grupo dos *giovanis,* indivíduos aristocráticos pertencentes a famílias com condições sociais. A maturidade representava a responsabilidade que os jovens teriam conseguido por intermédio de seus atos. O casamento e a entrada na vida política era uma forma de se tornarem adultos, a garantia de conseguir *status*, entretanto o casamento tinha mais uma função econômica e política do que afetiva. As mulheres eram destinados os sermões por considerá-las sem juízo, propagadoras do pecado e da vaidade. Tinham como função cuidar o dia inteiro da casa. O cristianismo coloca a mulher como personificação do pecado, é retratada como um indivíduo fútil.

Os vínculos entre os jovens formaram os grupos que se uniam para praticar violência por simples prazer de cometer estupros e saques as lojas. Os cavaleiros nesse momento são preparados para cometerem qualquer tipo de violência, e isso se configura como uma função social, uma espécie de treinamento para as cruzadas e para guerra. O Estado começa a perceber que a juventude precisa ser controlada e punida pelos atos errados praticados. A sociedade dessa época cria três formas de controle social para punir a juventude. Num primeiro momento os sermões são usados para fazer o doutrinamento e o controle dentro de casa, posteriormente são usados os jogos, torneios e competições para fazer esse controle e por fim grupos de crianças foram revestidas de pureza, religiosidade, saiam de casa de branco, para que fossem educadas com os valores e princípios morais. *"[...] a expressão de boa parte de nossas condutas morais e sociais ainda passa naturalmente, e às vezes necessariamente, pela utilização desses termos, e até dessas noções."* (MARCHELLO-NIZIA, 1996, p. 143).

As representações do mundo medieval mostram o jovem em uma posição marginal socialmente. Cada indivíduo ocupava um papel social na comunidade. As jovens tinham as atribuições de purificar, afastar o mal e organizavam as festas. Essas divisões contribuíram para o surgimento de um vocabulário próprio, onde só os jovens entendiam. Na sociedade ocidental isso também é muito comum, os jovens têm um vocabulário próprio, cheio de gírias e regras, onde só eles entendem. A iconografia medieval apresenta os jovens de formas diferentes, as classes não são confundias, são representados de uma maneira que se possa distinguir o príncipe e nobre, o adolescente e o adulto. A representação dos indivíduos era diferenciada, as crianças eram as menores e os velhos os maiores*. "O jovem distingui-se assim das crianças por certo número de afastamentos. O mais recorrente nas imagens diz respeito ao tamanho: os jovens são maiores que as crianças, mas menores que os adultos."* (PASTOUREAU, 1996, p. 251). Isso retrata um valor de superioridade que o mais velho, o maior, tem sobre os mais novos. Na atualidade isso ainda é bem caracterizado, pois ao se pedir uma criança para desenhar pessoas, elas sempre colocam as mais velhas como maiores.

2.3 Jovens na Era Moderna

De acordo com Levi e Schmitt (1996a) os jovens do século XVI tinham como atos fazerem tumultos como forma de protesto, organizavam–se coletivamente procurando abalar o sistema que regia a sociedade. Faziam isso para se autoafirmarem, mostrando que eram corajosos. Uma época marcada pela dificuldade de estabelecer o início da juventude, mas o seu fim era caracterizado pelo casamento, pela saída de casa. A juventude da era moderna diferenciava da atual pelo fato que:

> [...] Hoje, a juventude constitui em si um período da vida, objeto das atenções afetuosas da pedagogia; ao mesmo tempo, contudo, nós a consideramos com profunda desconfiança e a vigiamos, controlando-a por meio de toda uma série de instâncias burocráticas. (SCHINDLER, 1996, p. 267).

Os jovens assumiam funções sociais como de guardiões das moças da comunidade, administradores dos rituais de carnaval e tutores da ordem e da moral. Com essas atribuições eles controlavam a ordem, a vida social e moral pública. Ao

atribuir funções para os jovens os adultos queriam ter o controles sobre eles, fazendo só o que fosse conveniente. As jovens viviam num ambiente totalmente patriarcal onde suas funções se deslindava em serem donas de casas e mães. Os jovens faziam arruaças pelas ruas, gostavam de assustar e amedrontar os outros indivíduos. Em um certo período, os adultos acabaram perdendo o controle e tiveram que criar alternativas para penalizar os baderneiros. Decretos foram criados para penalizá-los e servirem de exemplo para os outros jovens. Usavam o corpo como forma de se expressarem, de serem vistos, gritavam e agrediam outros rapazes para impressionar as moças, principalmente, mostrando que eram fortes e valente. Isso acontece nos dias de hoje, onde os jovens brigam para mostrar para as moças que são valentes, que possuem o poder, tentando-o impressioná-las. *"[...] Os adolescentes são de fato moralmente frágeis, sempre expostos ao risco e à perdição."* (AGO, 1996, p. 339).

Já na segunda metade do século XVI, na Europa, os pais tinham uma grande autoridade sobre os filhos, decidindo sobre o as suas vidas. Os conflitos entre pais e filhos foram constantes nesse período, principalmente quando se tratava de casar ou ir para o celibato. A existência da política do filho primogênito fazia com que as famílias destinassem seu patrimônio apenas a um único filho, se tivesse mais de um a herança ficaria com o mais velho do sexo masculino. As moças mais velhas revindicavam esse direito. Isso gerou um enorme contingente de jovens solteiros. Os filhos se revoltavam contra as decisões dos pais, mas aqueles eram logos repreendidos. Os pais que decidiam o futuro dos filhos, por saberem que a juventude deixava-se influenciar por qualquer coisa e por não terem experiência nem idade para tomarem certas decisões não saberiam fazer suas próprias escolhas.

2.4 Jovens na Época Contemporânea

Os jovens têm maneiras distintas de se comportarem, pois em cada sociedade há regras estabelecidas que estruturam as sociedades. Esses contextos diversos permitem uma pluralidade de jovens com características que os distinguem. Isso aconteceu tantos nas outras épocas quanto na contemporaneidade.

Nesse contexto no século XVIII, na Europa, Levi e Schmitt (1996b) mostram

que os jovens do sexo masculino eram obrigados a prestarem o serviço militar, isso era caracterizado como um rito de passagem onde o jovem passava a ter autonomia, passando assim para a vida adulta. Nos dias atuais, os jovens também são obrigados a servirem o exército, caracterizando uma nova fase de suas vidas. A guerra, por ter um alto contingente de jovens, tinha traços juvenis. As escolas os preparavam para a vida militar e também eram alfabetizados. Entretanto, muitos jovens não queriam servir o exército e acabavam procurando pretextos para não servirem. Muitos resistiam as convocações: casamentos eram antecipados, doenças eram simuladas e muitos fugiam. As mulheres nesse contexto faziam trabalhos domésticos ou sexuais, posteriormente passaram a atuar como enfermeiras junto às bases militares.

Já na segunda metade da década de 80 e na primeira metade da década de 90 do século XX, os rituais dos jovens eram marcados pelas festividades. A festa era um ritual que ao mesmo tempo proporcionava uma comunhão entre os jovens e caraterizava a passagem para a vida adulta. Os adultos permitiam que os jovens fizessem festas como queriam, mas sempre havia indivíduos mais velhos por perto dizendo como tudo deveria ser feito. As festas eram uma forma de controlar a juventude.

> […] A juventude aparece como a detentora dos ritos da coesão comunitária e como a atriz principal de sua burlesca e violenta dissolução. Mas esta última é a uma só vez uma arma do controle social e uma experiência a ser vivida para se construir um ser de adulto consumado e de habitante da aldeia. (FABRE,1996, p. 71).

A juventude sempre foi usada como um meio de controle social em todas as épocas, o que mudou foi a forma como cada sociedade fazia isso. Observa-se um paradoxo, pois os jovens são controlados e ao mesmo tempo são instruídos à controlarem. *“[...] Eles são, portanto, os agentes do mais estrito controle social, as vozes da ordem, os defensores minuciosos dos valores comuns.”* (FABRE, 1996, p. 71).

O século XIX é marcado pelo medo que a sociedade tinha da sua juventude por terem um espírito contestador, viverem na vagabundagem e libertinagem. Os jovens dessa época são conhecidos como a juventude operária, por suas famílias pertenceram a classe operária. A família era patriarcal, regulava as relações de todos os indivíduos, principalmente dos jovens. O exército era uma forma de

disciplinar os jovens rebeldes e representava a saída da juventude, assim como o casamento. Nesse período, os meios de comunicação de massa já mostravam o seu poder de persuasão sobre os indivíduos, por evidenciarem como as juventudes se comportavam influenciando diretamente as representações que a sociedade tinha sobre as juventudes. Pois as representações sustentam, permitem o surgimento de algo da mesma forma que dá visibilidade. Torna compreensível a realidade. *"[...] as representações estruturam o real da mesma forma que o exprimem, e seria inútil opor este àqueles, igualmente reais. Elas dizem algo de 'verdadeiro' sobre a juventude, ao amplificar e deformar."* (PERROT, 1996, p. 91).

Estudos desenvolvidos por Caron (1996), por sua vez apontam que na França e na Europa no final do século XVIII e do XIX, a escola era o espaço ideal para formar a juventude. O ensino secundário tinha como função formar essencialmente o futuro adulto e para isso era preciso educar as juventudes. Com o declínio da educação familiar, a educação escolar começou a sua ascensão, passando a ser a transmissora dos ideais do Estado, sendo a escola a mediadora do processo. A juventude era vista como uma etapa ideal para a construção de novos valores, sendo a escola o espaço ideal para estruturar este controle. *"[...] Não existe melhor meio de controle social que a escola, que se torna assim, muito rapidamente, objeto de solicitude e mesmo lugar de frequentação obrigatória."* (CARON, 1996, p. 142).

Já Sérgio Luzzatto (1996) mostra que as revoluções que aconteceram na Europa na primeira metade do século XX, indica que as imagens dos jovens eram representados por serem inquietos, rebeldes, libertários e portadores de ideias mudancistas. A sociedade da época tinha uma representação dos seus jovens e do que ela queria dessa juventude, evidenciando assim que em cada sociedade, em cada época há representações da juventude e que as mudanças ocorrem porque a sociedade muda os seus valores. *"Há muitas maneiras de ser jovem […] mas apenas uma é boa, a que convém exatamente a determinado tempo e a determinada sociedade."* (LUZZATTO, 1996, p. 243). A imagem que se tinha da juventude na época do fascismo italiano, mostrado por Laura Malvano (1996) em seus estudos, relata jovens belos e esportivos, onde o Estado assumiu o papel de formar a juventude por considerar que ele o faria melhor que a família e a escola. *"O fascismo é juventude, portanto beleza, ardor, harmonia.*" (MALVANO, 1996, p. 261).

Entretanto na ideologia nazista, ser jovem significa um comportamento. *“[...] sob o Terceiro Reich, ser 'jovem' não remetia tanto a um grupo social, ou então a um momento do desenvolvimento biológico do indivíduo. Ser 'jovem' significava antes de tudo a vinculação a uma ideia nova.”* (MICHAUD, 1996, p. 291). Para que dessa maneira não houvesse um conflito de gerações e pudesse controlar suas juventudes por meio de suas ideias, independente de suas idades. Ideias novas fazem com que o indivíduo continue sendo jovem. Aos que resistiam aos ideais impostos pelo Estado eram perseguidos pelo mesmo.

Passerine (1996) apresenta a representação que a sociedade tinha da juventude fascista e rebelde dos Estados Unidos na década de 1950, onde havia conflitos e angústias que perpassavam o núcleo social e isso também era vivido pela juventude.

> Existe uma ideia de jovem comum a tais representações que vão sendo sobredeterminadas, enquanto reúne em si os problemas e as preocupações da sociedade em seu conjunto. O jovem como conceito simbólico revela-se o concentrado das angustias da sociedade – do desemprego ao sentido de inutilidade da vida - , mas torna-se também o modelo do futuro, portanto, ameaça e esperanças (PASSERINE, 1996, p. 351).

Isso evidencia que os conflitos que permeiam a juventude são os mesmos há décadas. Nesse ínterim, os conflitos e os rituais foram os mesmos. Os jovens foram vistos como seres perigosos e capazes de causar mal a sociedade, sendo esse contexto inserido em todos os universos sociais só mudou a época. Comportamentos desviantes sempre existiram e sempre houve meios para controlá-los. Entretanto, na década de 60 do século XX, o jovem começa a ser visto como um ser capaz de construir um mundo melhor, a sociedade passa a ter uma imagem positiva da juventude, onde o jovem pode restaurar a desordem da sociedade. O imaginário social da juventude começa a mudar, a sociedade passa a acreditar que eles são o futuro da nação e que é preciso investimentos em saúde educação, lazer e trabalho. Pois só assim é possível desenvolver o país.

Ao discutirem a tematização da juventude no Brasil, Abramo e Branco (2008) verificam que não existe somente uma juventude, mas várias juventudes, com características distintas, inseridos em contextos diversificados que fazem com que haja essa pluralidade juvenil. Pode-se perceber que isso acontece desde a

antiguidade, onde já existia diversas juventudes.

Na atualidade, é considerado jovem a faixa etária que corresponde dos 15 aos 24 anos de idade. Nos anos 1960, a realidade da juventude brasileira era totalmente diferente da atual, os jovens não ficavam desempregados por muito tempo, existia um grande otimismo em relação à prosperidade do país que vinha crescendo. Os jovens de hoje já estão inseridos em uma grande crise social, onde falta emprego, educação, segurança, moradia e alimentação, seus avós e pais são que possuem a renda que sustenta suas necessidades, e na maioria das vezes, dependendo da situação financeira da família, essas necessidades nem são atendidas. (SINGER, 2008). Já na década de 70 do século XX, a juventude consumia bebidas alcoólicas e fumava constantemente, e isso era algo rotineiro que fazia parte da autoafirmação desses jovens na sociedade. Quem questionava era taxado como inadequado e careta, então não havia discussões em relação a isso. As juventudes compreendem uma fase da vida de descobertas. Sendo socialmente delimitado uma idade para esse momento. Para os adultos, um período de formação e frivolidades, onde os jovens ainda não tem maturidade suficiente para tomar decisões.

Todos esses contextos sociais mostram que os jovens sempre buscaram lutar por causas idealistas, em busca de melhores condições de vida, um objetivo a ser alcançado. Isso não só acontece com as juventudes atuais, mas também com as juventudes mais antigas que buscaram melhorias para questões de sua época. A sociedade sempre criou meios para controlar a juventude, educando conforme os valores morais da época. Aqueles que não as seguem eram repreendidos de diversas maneiras. Os contextos sociais mudam, as juventudes mudam e a formas de controle também são diversificadas. Entretanto, o ideal de juventude de todas as sociedades sempre foram os mesmos, buscando jovens obedientes e que respeitavam os mais velhos e os valores societais.

CAPÍTULO III

Professor: Entre um contexto historicamente sagrado e profano da profissão

> "Ser professora ou professor é carregar uma imagem socialmente construída. Carregar o outro que resultou de tudo." (ARROYO, 2010, p. 30)

Ao se pensar na escola visualiza-se primeiramente o agente social que tem como competência ensinar os indivíduos a tornarem-se cidadãos conscientes de suas ações. Essa atribuição é designada a uma profissão específica que é a de professor.

A escola é o *locus* de trabalho do professor, é onde ele exerce as suas funções como profissional da educação. Esse universo é considerado de fundamental importância para a vida dos indivíduos, pois é nela que acontece o processo de aprendizagem, onde aprende-se valores, regras e hábitos. É nesse universo que encontra-se o profissional que tem como competência exercer seu ofício de mestre, sua profissão: professor.

Na história da profissão docente observa-se que sempre houve uma preocupação em esboçar um perfil para a profissão de professor, indagando-se quais características e valores um indivíduo deveria ter para seguir a profissão. Até a segunda metade do século XVIII, a igreja era a instituição detentora do conhecimento, cabendo aos clérigos o exercício da função de educar os indivíduos conforme as doutrinas religiosas. Essa era a representação de professor que se tinha. Para Nóvoa (1999) foi no momento em que o Estado passa a ser detentor do conhecimento, estatizando o ensino e selecionando indivíduos para serem professores, é que a profissão deixa de ser exercida por padres. *"Inicialmente, a função docente desenvolveu-se de forma subsidiária e não especializada, constituindo uma ocupação secundária de religiosos ou leigos das mais diversas origens."* (NÓVOA, 1999, p. 15).

Os indivíduos que exerciam a profissão docente estavam imbuídos de normas e valores religiosos, e mesmo depois da profissão tornar-se um ofício, o imaginário

social que se tinham dos professores era ligado à religião.

> O termo ofício remete a artífice, remete a um fazer qualificado, profissional. Os ofícios se referem a um coletivo de trabalhadores qualificados, os mestres de um oficio que só eles sabem fazer, que lhes pertence, porque aprenderam seus segredos, seus saberes e suas artes. Uma identidade respeitada, reconhecida socialmente, de traços bem definidos. (ARROYO, 2010, p. 18).

Assim, o caráter de visibilidade da profissão docente está muito ligado aos contextos sociais e momentos históricos. Nessa perspectiva, Nóvoa (1999) define o que é profissionalização docente: *"Entendemos por profissionalidade a afirmação do que é especifico na ação docente, isto é, o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor."* (p. 65). Isso evidência que a profissão tem características definidas, uma prática ligada ao ofício de ensinar e que os professores acreditavam que se valorizassem a educação, o *status* da profissão também aumentaria.

Cada sociedade elabora e reelabora essas imagens do ser professor refletindo os contextos sociais e a cultura a que pertencem. Arroyo (2010) aponta que na história da profissão docente é preciso urgentemente definir a identidade da profissão de professor, pois desde o começo da carreira os educadores sentem necessidade dessa identidade. No final do século XVIII, a profissão docente passa a ser assunto de especialistas. Diversos grupos sociais passam a exercê-la como profissão, começando assim a sua profissionalização, nesse momento passa a ser preciso fazer exames e possuir uma licença para lecionar. Assim, deixa de ser exercida como uma função secundária e passa a ser um ofício. A partir desse momento, começa a ser traçado um perfil para os docentes, sendo selecionados aqueles que possuem habilidades e competências para seguir a profissão. Os professores, por serem agentes socializadores, ocupam um papel importante no universo social, por auxiliar os educandos em sua formação.

> Os professores são os protagonistas no terreno da grande operação histórica da escolarização, assumindo a tarefa de promover o valor da educação: ao fazê-lo, criam as condições para a valorização das suas funções e, portanto, para a melhoria do seu estatuto socioprofissional. (NÓVOA, 1999, p. 18).

Os professores, percebendo a relevância social que ocupavam no processo escolar, exigiam melhorias em suas formações. Isso começa a acontecer no início do século XIX. na Europa. Entretanto, a imagem social do professor ainda estava muito ligada às funções dos religiosos, uma função não especializada, não viabilizando destaque social. Não existindo assim privilégios e nem ostentações características ligadas à imagem dos padres. A profissão, nesse momento, ainda não tem uma identidade profissional definida. Essa falta de identidade da profissão era considerada um dos fatores para a sua crise. Portanto, essa imagem social da profissão acabou contribuindo para a falta de identidade, descaracterizando o profissional e gerando uma crise na profissão docente. Pois a cada novo decreto, currículo, tecnologia e teorias pensam-se logo em redefinir a prática docente, reinventado o seu papel social. *“Lembro que somos professores e professoras, referidos a uma imagem social. Quando essa imagem é mexida, nos sentimos inseguros.* (ARROYO, 2010, p. 68). Por já haver imagens estabelecidas socialmente, quando isso muda os professores sentem-se incomodados.

As funções que os professores exercem em sala de aula vão muito além de simplesmente ensinar o conteúdo. Há um leque de funções que sobrecarregam e fragmentam o trabalho do professor, sendo difícil de exercer todos os papéis que lhes são atribuídos. *“Reduzir o professor e a professora a meros aulistas de saberes fechados é desqualificador.*” (ARROYO, 2010, p. 74). Por terem que lidar com uma diversidade de indivíduos e de situações que os fazem exercer muito mais que seus papeis de ensinar, mas de auxiliar os educandos em suas necessidades particulares.

Assim, a profissão de professor tem sua identidade, suas imagens determinadas socialmente, pois ao longo dos anos foram sendo construídas representações a cerca da profissão. *“[...] somos a imagem social que foi construída sobre o oficio de mestre, sobre as formas diversas de exercer esse ofício.”* (ARROYO, 2010, p. 29). No imaginário social, a educação é entendida como uma das funções mais importante para a sociedade. Os agentes sociais responsáveis para que a educação aconteça são os professores, entretanto a imagem e a posição que ocupam na sociedade não é alta. Tanto nas sociedades ocidentais do começo do século XVIII, até a contemporaneidade. Existindo assim um paradoxo entre a importância da sua função e a não ocupação de um lugar privilegiado no *status*

social das profissões. Entretanto, no imaginário social já existe uma representação das profissões que são ditas melhores, que tem um alto prestígio e a profissão de professor encontra-se no nível mais baixo, não tendo *status* social. Essa representação influencia diretamente para a não escolha dessa profissão por muitos jovens, por exemplo.

Nesse contexto, a profissão que proporciona um alto salário é valorizada socialmente, já as que proporcionam um baixo salário são desvalorizadas. Isso acontece com a profissão de professor que recebe um salário baixo para as atribuições que lhes são reservadas. Encontrado-se desprestigiada socialmente como destaca Nóvoa (1999) *"[...] o professor é visto como um pobre diabo que não foi capaz de arranjar uma ocupação mais bem remunerada."* (p. 105). Essa imagem já está inserida na cultura e para que possa mudá-la é necessário uma mudança social e posteriormente educacional.

Percebe-se assim, que a mudança não deve acontecer primeiro e somente na escola, pois a cultura social rege as estruturas educacionais. Arroyo (2010) enfatiza que os professores tentaram superar a imagem de salvador da pátria transmitida por uma herança social historicamente construída, entretanto isso ainda se tem perpetuado nos discursos. *"A profissão docente é socialmente partilhada, o que explica a sua dimensão conflituosa numa sociedade complexa na qual os significados divergem entre grupos sociais, econômicos e culturais."* (NÓVOA, 1999, p. 71)

O professor carrega uma imagem que o outro lhe atribui, é algo exterior a ele, essa força coercitiva que age sobre a sua imagem atribuindo estereótipos, determinado valores. Essas representações estão sendo configuradas ao longo de muitos séculos, está culturalmente construída no imaginário social. Entretanto, a falta de reconhecimento da profissão é um dos fatores que dificultam a sua consolidação nos valores sociais. Nóvoa (1999) aponta que na segunda metade do século XIX, a profissão docente se intercalava no imaginário social entre diversas situações.

> […] não são burgueses, mas também não são povo; não devem ser intelectuais, mas têm de possuir um bom acervo de conhecimentos; não são notáveis locais, mas têm uma influência importante nas comunidades; devem manter relações com todos os grupos sociais, mas sem privilegiar nenhum deles; não podem ter uma vida

> miserável, mas devem evitar a ostentação; não exercem seu trabalho com independência, mas é útil que usufruam de alguma autonomia; etc. (NÓVOA, 1999, p. 18).

De acordo com Arroyo (2010), o professor foi colocado no imaginário social como uma profissão voltada para as classes pouco favorecidas, por terem poucos recursos materiais e culturais para escolherem outra profissão. E os professores que estão atuando profissionalmente são pertencentes dessas classes. As camadas sociais mais altas têm outras pretensões profissionais, por pertencerem a um universo cultural e material permeado de possibilidades. Os indivíduos acabam escolhendo a profissão que está dentro de suas possibilidades. Esse fato é determinado socialmente.

> [...] O que tento destacar é que essa realidade social antecipa um modo de socialização, de incorporação e aceitação dos valores, do estilo de ser professor(a) que vão sendo aceitos, internalizados desde cedo e que irão conformando essa identificação, de vida, de universo cultural com a representação social e cultural do magistério. (ARROYO, 2010, p. 126)

Sobre isso, Arroyo (2010) destaca que nenhum indivíduo conseguirá escolher uma profissão somente porque sua condição social não permite outra escolha. É preciso identificar-se com a profissão, principalmente com a de professor, pois as relações entre os indivíduos são muito intensas, o salário e o *status* da profissão não são altos. Se não houver identificação com a profissão será insuportável continuar sendo educador.

> A imagem que a sociedade nos passa do magistério como uma ocupação fácil, feita mais de amor, de dedicação do que de competências, essa imagem desastrosa, mas tão divulgada, vem colar com a autoimagem de despreparo que foram acumulando os adolescentes e jovens dos setores populares. A sociedade, reforçada por um sistema escolar seletivo, credencialista e meritocrático vai convencendo os adolescentes e jovens das camadas populares que seu preparo e sua herança cultural não dão para grandes voos profissionais, ao mesmo tempo essa sociedade passa a imagem deturpada de que para professor(a) de escola qualquer preparação serve. Esse encontro de imagens sociais e autoimagens opera perversamente nas escolhas e termina internalizando o magistério como possível e suportável. (ARROYO, 2010, p. 127-8)

Há um contexto diversificado onde são atribuídos diversos papeis sociais aos

professores, assim suas funções não são definidas, tendo que resolverem tudo o que ocorre no contexto escolar. Isso gera uma surpresa, um desconforto e sentimentos desagradáveis por não conseguirem resolverem todas as questões que surgem. Contribuindo diretamente para uma prática docente insatisfatória.

> O professor é responsável pela modelação prática, mas esta é a intersecção de diferentes contextos. O docente não define a prática, mas sim o papel que ai ocupa; é através da sua atuação que se difundem e concretizam as múltiplas determinações provenientes dos contexto em que participa." (NÓVOA, 1999, p. 74).

A Constituição Federal traz em seu artigo 206 que o ensino deve ter como princípio a valorização do profissional de educação, sendo garantido ingresso na carreira por concurso público e plano de carreira.

As instituições de ensino são reguladas por leis que estabelecem como as escolas devem-se estruturar. A lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB) aponta no seu artigo 3° que uns dos princípios da educação é a: *VII - valorização do profissional da educação escolar.* Essa valorização passa necessariamente pela melhoria salarial desses profissionais. Assim, a lei 11.738 de 2008 estabelece o piso salarial nacional para os professores da educação básica destacando:

A esse respeito, a Lei de Diretrizes de Bases da educação (LDB), em seu artigo 13 deslinda diversas incumbências referentes ao exercício da profissão docente, tais como:

No inciso I e II - A participação dos profissionais de educação na elaboração e implementação da proposta pedagógica da instituição de ensino. Visando a participação e o engajamento dos professores nas questões que envolvem as práticas pedagógicas e administrativas da escola. Buscando assim, melhorar o plano de trabalho e as propostas pedagógicas.

O inciso III e IV – Apontam que é preciso estabelecer estratégias para ajudar os alunos com baixo rendimento escolar e cuidar para que todos os alunos aprendam.

O inciso V destaca que cabe aos professores ministrar os dias letivos estabelecidos, assim como participar do planejamento das aulas, preparar as

avaliações e desenvolver-se profissionalmente.

O inciso VI enfatiza que as atividades docentes devem estar interligadas com a escola, família e comunidade, buscando articular essas atividades para que assim, haja um maior aproveitamento da aprendizagem dos educandos.

Em seu artigo 2º, o piso salarial nacional inicial para todos os professores que atuam no magistério público da educação básica é de R$ 950,00 (novecentos e cinquenta reais) mensais, para os professores que tenham formação de nível médio. Sendo que esse piso é aumentado a cada ano. Já no ano de 2011, depois de alguns reajustes, o salário passa a ser de R$ 1.187,00 (mil cento e oitenta e sete reais) para todos os estados da federação, mas cada estado pode pagar mais, esse valor é o mínimo que deve ser pago. Um educador não pode receber menos que o piso estabelecido. Se o educador não estiver recebendo o mínimo, ele deve procurar o município para saber o porquê, pois isso está na lei.

O § 1º destaca que o piso profissional nacional é para a jornada de, no máximo, 40 horas semanais. Cabendo a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios pagarem inicialmente o valor desse piso aos professores que iniciam suas carreiras.

O § 2º aponta que os profissionais da educação básica são aqueles indivíduos que atuam no ambiente escolar em suas diversas modalidades e que tenham a formação mínima exigida por lei federal e pela lei de diretrizes e bases da educação.

Assim, verifica-se que são inúmeras as atribuições designadas aos professores, de acordo com a legislação. Nóvoa (1999) chama a atenção para o fato de que a imagem social do professor foi-se degradando ao longo do processo histórico. Os próprios professores têm uma aviltante imagem da profissão devido às dificuldades que enfrentam no trabalho e fora dele. *“Carregamos a função que exercemos, que somos e a imagem de professor(a) que internalizamos.”* (ARROYO, 2010, p. 124). De certa forma, somos o reflexo também dos professores que tivemos, das práticas que vivenciamos e acabamos refletindo essas práticas no nosso ofício. Se aquelas práticas foram significativas faremos igual, se não foi, será realizada de uma forma diferente.

O alto grau de exigências e de responsabilidades atribuídas a profissão

docente resultam em conflitos relacionados à sua competência como profissional, pois exercem muitas funções. Os cursos de formação de professores ao não integrarem a realidade social a preparação desses profissionais, continuaram formando docentes que terão conflitos com sua prática docente.

> Para além de saber a matéria que lecciona, pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador do trabalho de grupo, e que, para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social e da educação sexual, etc.; a tudo isto pode somar-se a atenção aos alunos especiais integrados na turma. (NÓVOA, 1999, p. 100)

Além disso, as sociedades inseridas num contexto tecnológico influenciam as práticas dos professores para que saibam trabalhar com as novas tecnologias, inserindo-as em sala de aula. Os meios de comunicação de massa dão destaques àqueles profissionais que conseguem fazer uma aula diversificada com as novas tecnologias. Aqueles que não conseguem usá-las são depreciados, formando uma imagem social negativa sobre o trabalho do professor.

> [...] a valoração negativa do professor como bode expiatório e responsável universal de todos os males do sistemas é uma das marcas do nosso tempo. Enquanto, há vinte anos, os pais estavam dispostos a apoiar o sistema de ensino e os professores, perante as dificuldades do processo incondicional dos alunos, seja qual for o conflito e seja qual for à razão que assiste ao professor. A falta de apoio e de reconhecimento social do seu trabalho é cada vez mais evidente. (NÓVOA, 1999, p. 104)

A sociedade mudou, mas os sistemas educativos, muitas vezes, não conseguem acompanhar o ritmo dessa mudança. Os professores são acusados pelas deficiências do sistema educacional e mesmo quando um bom trabalho é realizado, o professor não é considerado o responsável.

> [...] o trabalho do professor é sempre apreciado num sentido negativo. Se o professor faz um trabalho de qualidade, dedicando-lhe um maior numero de horas, para alem das que figuram no seu horário de trabalho, é raro que se valorize este esforço suplementar; no entanto, quando o ensino fracassa, por vezes devido a um acumular de circunstâncias incontroláveis, o fracasso personaliza-se imediatamente no professor. Se tudo o corre bem, os pais pensam

> que os filhos são bons estudantes. Se as coisas correm mal, pensam que os professores são maus profissionais. (NÓVOA, 1999, p. 105)

3.1 A imagem sagrada da profissão docente

Os indivíduos transitam pelo universo estabelecendo em suas escalas de valores ideias e conceitos valorativos, dividindo-se entre o que é sagrado e o que é profano. Tudo o que os cercam é classificado e nomeado, dessa forma, vão sendo construídas e elaboradas coletivamente as representações. Pois as representações sociais se impõem sobre o indivíduo do exterior para o interior, do social para o individual. Os valores morais, as leis, o que é bom e ruim, são exemplos de forças que existiam antes dos indivíduos, conceitos já estabelecidos. Elas fogem ao nosso controle e não conseguimos reagir a essa força, por ser uma força coercitiva.

Os seres são classificados, estereotipados e julgados a todo o momento, por suas atitudes, comportamentos e opiniões. E isso acontece individualmente e na coletividade. Na escola e fora dela, por isso *"[...] os julgamentos têm por objetivo expressar, não aquilo que as coisas são, mas o que elas valem em relação a um sujeito consciente, ou seja, o preço que a este último se atribui."* (DURKHEIM, 1994, p. 121). Quando alguém gosta ou prefere algo isso são simplesmente julgamentos da realidade, que *"[...] cumpre a função de afirma somente determinados estados dos sujeitos."* (DURKHEIM, 1994, p. 122). Configurando-se nas predileções, no que é sentido e não pode ser transmitido ao outro por ser pessoal intrínseco ao ser. "*[...] todo valor supõe a apreciação de um sujeito, em relação definida com uma determinada sensibilidade. Tudo o que tem valor é bom por algum motivo. Aquilo que é bom é desejável; e todo o desejo é um estado interior."* (DURKHEIM, 1994, p. 123).

O valor que cada indivíduo atribui aos objetos ou as pessoas é construído socialmente. Quando esse valor é favorável, aceito por todos, ele se torna positivo, sagrado. Caso não seja aceito por todos, o valor é considerado negativo, profano. O que existe é uma grande diversidade de sujeitos e o que é bom para uns não é para os outros. O que é considerado um "bom" professor para um jovem pode não ser para outro, pois seus valores de classificação são diferentes.

De acordo com Durkheim (2008) os seres primitivos já distinguiam o sagrado

do profano, encontrando-se os conceitos bem estabelecidos em suas consciências. Mesmo sem querer estabelecer um caráter religioso às coisas, os indivíduos acabam dividindo em seus meios sociais entre o que é sagrado e profano, pois o primeiro é algo diferente do segundo, estabelecendo assim uma ordenação que regula as ações dos indivíduos. Se uma coisa é boa para um, para outro pode não ser, isso está construído nas consciências sociais, os espaços que ocupam diferenciam-se. Para Durkheim (2008) o sagrado tem como função regular e organizar as coisas, estabelecendo uma ligação, o que torna as coisas coesas.

Os homens ao elaborarem, construírem e significarem as coisas, as representam relacionando com o universo que os cercam, distinguindo sagrado e profano, tratando de suas diferenças, vangloriando um e denegrindo o outro. Por isso aproximam-se "*[...] do sagrado pelo simples fato de distanciarem do profano […] se desapegou das coisas baixas e triviais que a sua natureza tornava pesada."* (DURKHEIM, 2008, p. 374). Isso é uma constante nas relações sociais, nos espaços escolares, onde os alunos classificam uns professores sendo melhores que outros, de acordo com suas escalas de valores, caracterizando seus professores numa escala entre o sagrado e o profano.

Durkheim (2008) pontua que não há nenhuma instituição que não seja regulada por um sistema de proibições. Todas as coisas tem seu caráter positivo representado pelo sagrado que trás benefícios ao coletivo. Já o caráter negativo é representado pelo profano, são as proibições, coisas que provocam o sofrimento, que prejudicam as relações sociais. A escola é um exemplo de instituição com sistemas que proporcionam benefícios e punições

A escola é um ambiente de sociabilidade, uma instituição social onde acontece o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Os agentes sociais participantes desse ambiente fazem com que o universo escolar seja propício ao desenvolvimento das representações e, principalmente, das representações que o alunado tem sobre os professores. As representações sociais *"[...] são formadas através de influências recíprocas, através de negociações implícitas no curso das conversões, onde as pessoas se orientam para modelos simbólicos, imagens e valores compartilhados específicos."* (MOSCOVICI, 2007, p. 208).

Entretanto, esse ambiente de sociabilidade muitas vezes não consegue

entusiasmar aqueles que a frequentam, gerando assim frustrações e classificações que desvalorizam os agentes sociais da escola. *“O fracasso das instituições de ensino tem a ver com isso: elas oferecem uma comida que os alunos não querem comer [...]”* (DIMENSTEIN; ALVES, 2007, p. 09)

O modo como o professor desenvolve sua prática, como ele lida com seus alunos, é um critério para avaliar como o educando age perante as práticas do educador. Cunha (1999) enfatiza isso quando justifica que *“[...] o professor tem o papel principal no desempenho escolar, é impossível desconhecer que sem o professor não se faz escola [...]”* (p. 27). Revelando o importante valor que o professor tem para a escola. Esse valor é construído socialmente, pois a sociedade atribui valores aos educadores, seus trabalhos são avaliados constantemente por uma sociedade que exige educação de qualidade e essa educação é exigida dos professores, pois é atribuído a eles o dever de ensinar. *“A escola tem um critério certo. A escola é a instituição mais importante que há na sua vida. O professor é uma referência […] ”* (DIMENSTEIN; ALVES, 2007, p. 21)

Cobram-se professores qualificados, que sejam comprometidos com o ensino e com a instituição de ensino. Os indivíduos constantemente usam de juízos de valor para caracterizar o outro, a si mesmo ou a alguma coisa. Os professores são contestados pelos atores sociais da escola e os de fora dela, em relação às suas competências e suas atribuições como educadores.

Nesse contexto, os professores estão vivenciando um mal-estar na profissão que dura anos. A carreira é depreciada socialmente, há uma carga extensiva de atribuições, os professores são observados com desconfianças em relação a qualidade do seu trabalho, causando assim um desconforto. As motivações para continuar lecionado acabam sendo exteriores, culturais, intelectuais etc. Mesmo a sociedade sabendo que é preciso altos investimentos em educação e que a formação docente ainda é precária, são exigidos excelentes educadores. *“ Este paradoxo explica-se pela existência de um brecha na visão idealizada e a realidade concreta do ensino. É nesta falha que se situa o epicentro da crise da profissão docente.* (NÓVOA, 1999, p. 22).

Cunha (1999) aborda que o “bom” professor, na visão dos alunos, é aquele que domina o conteúdo, escolhe formas adequadas de apresentar a matéria e tem

um bom relacionamento com o grupo. Para outro indivíduo essas características podem não ser válidas para classificar se um professor é bom ou não. Muitos professores levam em consideração a visão dos alunos de “bom”, então esse educador cria uma expectativa em relação a sua prática, querendo tornar-se um bom educador perante seus educandos.

> Não há dúvida de que existe entre o aluno e o professor um jogo de expectativas relacionadas aos respectivos desempenhos. A escola como instituição social determina aos seus próprios integrantes os comportamentos que deles se espera. Por outro lado, como instituição social, ela é determinada pelo conjunto de expectativas que a sociedade faz sobre ela. Este fluxo é que reproduz a ideologia dominante. Há certo consenso sobre os comportamentos que se espera de um aluno e o mesmo acontece com relação ao professor. Isso significa que dizer que parte da relação professor-aluno já é predeterminada socialmente. (CUNHA, 1999, p. 65).

A interpretação que cada professor e cada aluno têm de um “bom professor” é diferenciada, pois são sujeitos sócio-históricos que constroem seus valores ao longo de suas trajetórias, de suas vivências e a partir dos julgamentos individuais, das experiências que vivenciaram em sala de aula e do papel social que a sociedade exerce sobre si, criam-se padrões valorativos que podem valorizar ou desvalorizar o ser professor. Entretanto, Dimenstein e Alves pontuam que é a escola que faz com que os estudantes não se interessassem pelas aulas, não é se o professor era bom ou ruim, pois *“O professor também é uma vítima. O professor é uma vítima [...] Da chatice. Da chatice, da escola.”* (DIMENSTEIN; ALVES, 2007, p. 08). A escola é que não seduz seus alunos, não oferece um ensino capaz de os seduzirem para a curiosidade, para questionarem e aprenderem a fazer conexões com a realidade que os cercam. Isso acaba interferindo na prática do professor. *“O que não tínhamos era fome para comer a gororoba padronizada que se servia nos restaurantes chamados escolas.”* (DIMENSTEIN; ALVES, 2007, p. 10)

O professor é o agente que faz a intermediação entre o conhecimento e os alunos, isso é realizado em uma instituição formal que é a escola. O educador irá destacar-se pela produtividade que tiver em sala de aula, pela forma como conduz sua aula e faz com que seus alunos aprendam ou não o conteúdo. Ao professor é atribuído a função de ensinar e fazer com que o aluno aprenda, entretanto muitas

vezes isso não é alcançado.

> Teoricamente, o educador tem de cuidar do processo cognitivo do educando. Então, ao dar aula, supostamente vai ter de medir se o aluno aprendeu ou não. É um atributo dele. Teoricamente, ele é bom ou mau professor pelo grau de produtividade da sala de aula. Seja lá o que for produtividade. (DIMENSTEIN; ALVES, 2007, p. 61)

Ao se falar de “bom” professor pensa-se logo em sua habilidade, em sua competência, pois diante do complexo cenário da educação, da atuação profissional dos educadores, onde eles recebem baixos salários, dão aulas em várias turmas, cumprem uma carga horária exaustiva e as condições pedagógicas de trabalho são precárias. Questiona-se como o profissional lida com a sua competência para ensinar diante da precariedade do ensino e das condições de trabalho do professor no Brasil. Para Rios(2008), “*Competência significa falar em saber fazer bem.”* (p. 46). Entendendo que esse bem:

> Tem uma dimensão técnica, a do saber e do fazer, isto é, do domínio dos conteúdos de que o sujeito necessita para desempenhar o seu papel, aquilo que se requer socialmente, articulado com o domínio das técnicas, das estratégias que permitam que ele digamos, ‘dê conta de seu recado’, em seu trabalho. (RIOS, 2008, p. 47)

Vê-se que o professor além de ter que saber lidar com a diversidade dos sujeitos, tem que dominar o conteúdo e verificar as dificuldades que o educando possui, para que dessa maneira o educador possa ajudá-lo. Dominar técnicas e criar estratégias que possam envolver a turma é uma das maneiras que educadores tentam dominar, para poderem ser além de competentes também eficientes.

3.2 A imagem profana da profissão docente

A profissão docente é imbuída de muitas atribuições que exigem do professor uma organização do seu trabalho dentro e fora da escola. Aguiar e Almeida (2008) apontam que muitos problemas de saúde adquiridos pelos professores são causados por situações vivadas no universo escolar. Esse mal-estar perpassa o campo profissional e atinge o pessoal. O mal-estar que os professores sentem está

ligado às mudanças sociais que refletem diretamente no contexto escolar.

> Um elemento importante no desencadear do mal-estar docente é a falta de apoio, as críticas e a demissão da sociedade em relação às tarefas educativas, tentando fazer do professor o único responsável pelos problemas do ensino, quando estes são problemas sociais que requerem soluções sociais. (NÓVOA, 1999, p. 98).

Os contextos sociais influenciam nas imagens que a sociedade tem do professor, esse internaliza essas imagens provocando crises, posteriormente, em sua identidade profissional e pessoal. Há algumas décadas os docentes eram autoridades máxima de uma sociedade, eram respeitados. Pais e alunos respeitavam seus professores, se o aluno não aprendia a responsabilidade era totalmente dele que não se esforçou o suficiente para aprender. Entretanto, algumas décadas depois se o aluno não aprende a responsabilidade é do professor, mudando significativamente as representações que se tinha dos educadores.

A sociedade culpa os professores se a educação não é boa e eles acabam adquirindo essa responsabilidade que não são só deles. Trabalham, muitas vezes, em péssimas condições e mesmo assim têm que conseguir obter sucesso com todos os seus alunos, mesmo com aqueles que não têm o menor interesse de aprender. A profissão exige que aulas sejam preparadas com antecedência, trabalha-se com poucos recursos, em salas lotadas, é preciso corrigir trabalhos/provas, a direção, muitas vezes, não colabora e ainda há a cobrança dos pais dos alunos. Esses fatores ocasionam um alto estresse na vida dos professores contribuindo para o mal-estar e o adoecimento.

> A expressão mal-estar docente (malaise de l' enseignanr, teacher burnout) emprega-se para descrever os efeitos permanentes, de caráter negativo, que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que exerce a docência, devido à mudança social acelerada. (ESTEVE, 1999, p. 98).

Os professores vivenciam circunstancias diversas no ambiente escolar, exigindo que tomem soluções rápidas para resolverem os problemas que aparecem. A ansiedade gera um mal-estar físico e mental que colabora para o adoecimento

desses profissionais. Muitas situações necessitam que o professor compre o material escolar para o educando que não o tem. Carências essas que deveriam ser supridas pelas famílias, mas nem sempre acontece. Ficando o professor com a função de educar e amparar certas necessidades que estão fora das suas atribuições. O professor não se relaciona só com o conteúdo que ministra, mas com os outros indivíduos que estão em formação. Sentimentos, valores e emoções são entrelaçados nesse convívio diário.

Nesse contexto, as escolas não conseguem oferecer apoio pedagógico para auxiliar os professores com dificuldades. A direção escolar não conseguindo estabelecer uma relação de apoio aos professores, orientando-os nas dificuldades, acabam sentido inseguros na prática docente.

> […] um elemento importante no desencadear do mal-estar docente é a falta de apoio, as criticas e a demissão da sociedade em relação às tarefas educativas, tentando fazer do professor o único responsável pelos problemas do ensino, quando estes são problemas sociais que requerem soluções sociais. (ESTEVE, 1999, p. 98).

Perante a falta de ajuda da direção, os professores acabam desestimulados, desinteressados pela profissão, o rendimento cai e estar em sala de aula passa a ser um trastorno. As condições externas combinadas com as internas propiciam o adoecimento dos professores levando-os a uma prática desinteressada ou a desistirem da profissão, em média. Os professores ao silenciarem sobre o que lhes incomodam na sua profissão, acabam silenciando suas angústias e medos, usando o silêncio como uma forma de defesa. Isso faz com que continuem vivenciando o mal-estar na prática docente. *“É o silêncio de uma experiência violenta que se impõe sobre o silenciar da experiência de um sujeito sob a violência de outro.”* (ALMEIDA, 2008, p. 303).

Aguiar e Almeida (2008) reiteram que na escola a prática pedagógica dos professores é realizada isoladamente, onde eles não têm um momento para poderem dividir as angústias e os conflitos que sentem perante os problemas que vivem diariamente em sala de aula. A falta de respeito dos alunos, a violência, pais omissos, péssimas condições de trabalho, salas cheias, falta de apoio pedagógico, ausência de capacitação continuada e os baixos salários são fatores que contribuem

para o adoecimento dos professores. Ao não externarem o que sentem acabam ficando doentes e pedindo afastamento da escola, do que lhes causam dor. *“ O mal-estar docente comparece pelo não dito, pela palavra não expressa, por atuações que traduzem a fragilidade da saúde psíquica do professor.”* (AGUIAR; ALMEIDA, 2008, p. 41).

Nesta perspectiva, as autoras apontam que os afastamentos dos professores do ambiente escolar é uma forma de expressarem a suas insatisfações com suas práticas pedagógicas. Por não conseguirem resolver todas as situações que surgem e pela falta de reconhecimento pessoal e profissional que a profissão merece. Ao não suportarem lidar com a complexidade do universo escolar acabam afastando-se, essa fuga é uma maneira de se defenderem dos problemas que surgem a todo instante.

> Assim, nas cenas que se desenrolam no cotidiano escolar, permeado de toda sorte de ilusões pedagógicas, presenciamos o adoecimento do professor. A fantasia de tudo saber e tudo poder esbarra na condição mesma só sujeito dividido, que falha, erra e se equivoca. O docente que não abre mão do lugar de sujeito suposto saber, condição que lhe é conferida pelo aluno, em um primeiro movimento da relação transferencial, cristalizando-se nessa posição. (AGUIAR; ALMEIDA, 2008, p. 41).

Os professores, ao mostrarem para seus alunos que eles também estão em constante processo de aprendizagem e que não sabem tudo, farão uma prática mais prazerosa. Expressando que são curiosos pelo conhecimento para que assim, isso seja despertado nos alunos. Se o professor mostra aversão ao que faz isso será sentido pelos alunos sendo refletido em seus comportamentos em sala de aula. *“Geralmente, o professor não é um curioso. Então, o circulo vicioso vai se formando.”* (DIMENSTEIN; ALVES, 2007, p. 66)

As sociedades têm estabelecido um conjunto de regras e valores que estruturam a vida coletiva. A educação familiar e escolar também são agregadas de valores e normas, entretanto a família confere à escola, na contemporaneidade, a obrigação de ensinar todos esses valores as crianças, ensinando-lhes a se comportarem e a respeitarem os outros. Sendo que a família deveria fazer isso primeiramente. Os professores acabam-se envolvendo com questões que não são de sua competência, porque as famílias, muitas vezes, não conseguem educar seus

filhos no ambiente familiar. *“ Há um paradoxo existente entre a visão idealizada do ensino e a realidade concreta e desesperadora com que muitos professores, no exercício da profissão, se deparam.”* (AGUIAR; ALMEIDA, 2008, p. 27).

Os professores convivem com uma realidade social completamente diferente, antigamente os alunos não levavam seus problemas para a escola. Hoje os educadores convivem com situações, problemas enfrentados pelas crianças no ambiente familiar que são levados para a escola. As famílias querem que os professores resolvam os problemas, que a escola ajude a mudar as condições precárias enfrentadas por muitos indivíduos. Mas a escola não consegue resolver todos os problemas sociais. Todas essas demandas não resolvidas geram um sentimento de fracasso e incompetência perante a atuação profissional. *“Sendo assim, o fenômeno da crise na educação familiar acaba gerando um conflito de identidade, um enorme mal-estar, pois diante da total ausência de referencias, o docente se vê frente a impasses de várias ordens.”* (AGUIAR; ALMEIDA, 2008, p. 30).

As questões sociais ultrapassaram os muros da escola e agora estão dentro dela, pedindo socorro e soluções urgentes. As instituições escolares não estão preparadas para trabalharem com essas problemáticas, pois faltam recursos, estrutura física e material, inexiste políticas públicas e a falta de formação continuada para os professores contribuem para que a escola não consiga resolver todos os problemas. A sociedade exige indivíduos bem preparados, mas para isso é necessário educação de qualidade, coisa que ainda não foi alcançada. Ainda há um enorme desvalorização daquele que é o agente da educação. Ao ser depreciado profissionalmente, o professor não sente motivação para continuar exercendo sua prática docente, surgindo assim os conflitos de identidade.

> [...] a chave o mal-estar docente está na desvalorização do trabalho do professor, evidente no nosso contexto social e nas deficientes condições de trabalho dos professores na sala de aula, que o obrigam a uma atuação medíocre, pela qual acaba sempre por ser considerado responsável. (ESTEVES, 1999, p. 120).

Os cursos de formação de professores têm como escopo a teoria, não valorizando a prática. O educador, ao se deparar com a realidade de uma sala de

aula, percebe que a teoria não é suficiente para resolver os conflitos. Isso gera ansiedade e insegurança, desequilibrando o desenvolvimento do trabalho do professor. É necessário entender que a profissão não exige saber e resolver tudo, que a escola e os professores não têm respostas para tudo. Mudanças profissionais devem ser tomadas, assim como a visão que a sociedade tem dos professores e as que os professores tem de si.

O mal-estar que os professores sentem está relacionado a fatores externos e internos. Os externos são caracterizados pelos os problemas que os alunos e pais trazem de casa procurando que a escola, principalmente que o professor, resolva todos. O interno são as diversas demandas que o professor tem que cumprir na escola e até em mais de uma, isso causa uma tensão em suas emoções e sentimentos. Por desempenhar diversos papeis, muitas vezes não conseguem manter o equilíbrio causando assim o adoecimento, o sofrimento psíquico. "*A exposição reiterada a situações adversas e aversivas é um dos elementos que desestabiliza o mestre, levando-o ao adoecimento. As demandas oriundas da sociedade, do sistema educativo, dos pais e dos próprios professores pesam no cotidiano do docente."* (AGUIAR; ALMEIDA, 2008, p. 39).

Ao trabalharem sentindo desconforto, isso será refletido em suas práticas pedagógicas, na forma como conduzem as aulas. Os alunos sentem esse sentimento, que muitas vezes é explícito e passam a não se interessarem pela aula. Dimenstein e Alves (2008) confirmam que a escola é um lugar que não lhes interessava e a forma como os professores conduziam as aulas é tão mecânica que não despertava a curiosidade e o prazer pelos estudos. *"Os professores não tinham o menor interesse nas coisas da gente [...] o professor entrava na sala e começava a andar de um lado para o outro, ditando a matéria. A função do aluno era copiar a matéria."* (DIMENSTEIN; ALVES, 2007, p.25). Isso evidência que os alunos também sentem-se desconfortáveis com um professor apático, que mostra desinteresse na forma como ministra a aula, que não gosta do que faz e que não se interessa pelos problemas dos seus alunos. Ao agirem assim, os alunos também sentirão prazer quando ele não for ministrar a aula. *"A suprema felicidade de quando um professor adoecia e não aparecia para aula!"* (DIMENSTEIN; ALVES, 2007, p.10)

Os professores são pressionados de todos os lados, pela sociedade, pais,

coordenadores da escola e pelos próprios alunos, exigindo soluções para todas as problemáticas que aparecem. Ao tentarem resolverem todas as questões e perceberem que não dão conta, que nem tudo é possível sentem-se frustados, incompetentes e adoecem.

Assim, a profissão docente é uma atividade que exige muito daqueles que a escolhem. A sociedade exige que os professores sejam bons e isso só é comprovado quando os alunos estão aprendendo. Entretanto, se o aluno não aprende o culpado é o professor que não se esforçou com uma prática docente suficientemente boa. Nesse momento a falta de qualificação profissional é questionada, as faltas ao serviço, a desvalorização da profissão, as condições de trabalho, o salário e a falta de prestígio social, acentuam o viés profano da profissão.

CAPÍTULO IV

Representação da Juventude sobre os Professores

4.1) A pesquisa

Esse trabalho faz parte de uma pesquisa maior intitulada *Representações sociais, Juventude e Gestão da Educação* (REJUGES), concebida e coordenada pela professora doutora Maria Zélia Borba Rocha, que compreende as seguintes variáveis: política, identidade cultural, docentes, gestão escolar, violência escolar, estágio curricular, projeto político pedagógico e conteúdo da indústria cultural. A presente pesquisa tem como enfoque os docentes e objetiva investigar as representações sociais que os jovens têm sobre os professores. Este capítulo tem como cerne relatar como a pesquisa foi realizada.

4.1.1) Local

O universo pesquisado compreende a juventude matriculada nas escolas públicas de ensino médio do Distrito Federal. As cidades em que foram aplicados os questionários compreendem: duas no Gama, duas em Planaltina, duas em Taguatinga, três em Ceilândia e uma em Santa Maria. Essas cidades foram escolhidas por terem uma grande quantidade de alunos matriculados no ensino médio. Foi realizado contato anterior com as regionais e com os diretores para serem marcados os dias e os horários específicos para a aplicação dos questionários.

As dez escolas são cercadas por muros, portões com guardas na porta, algumas com árvores aos arredores, quadra de esporte sem cobertura, estacionamento, algumas encontravam-se pichadas, outras tinham sido pintadas recentemente, algumas estavam com janelas, carteiras e quadros quebrados. Havia outras com ausência de laboratórios e materiais didáticos. As salas dos professores eram compotas por eletrodomésticos e armários. As escolas encontram-se perto de residências e avenidas comerciais. As ruas aos arredores são asfaltadas, perto de

pontos de ônibus e metrô. Somente em três escolas observou-se a presença do batalhão escolar.

A pesquisa de campo foi realizada no período entre 13 de agosto ao dia 21 de setembro de 2010.

4.1.2) Participantes

Os participantes dessa pesquisa são os jovens matriculados em escolas públicas do Distrito Federal que estudam nas cidades do Gama, Planaltina, Taguatinga, Ceilândia e Santa Maria. Compreendendo um total de dez escolas. Foram aplicados 2.074 questionários, sendo que 257 referem-se aos docentes.

Para a aplicação dos questionários, doze pesquisadores participantes do grupo de pesquisa REJUGES e uma auxiliar de pesquisa do grupo aplicaram os questionários nas escolas. Os pesquisadores eram divididos em duplas, essa aplicava os questionários nas turmas específicas. Os questionários foram organizados em blocos, por existir oito objetos diferentes, sendo distribuídos aleatoriamente nas turmas. Os pesquisadores explicavam para os alunos como ocorreriam a aplicação dos questionários, podiam perguntar caso surgissem dúvidas e não precisavam se identificarem no questionário, sendo reforçado o sigilo das respostas.

A maioria dos alunos mostrava-se interessada pela temática dos questionários, outros não ligavam muito e outros não quiseram respondê-lo. O tempo médio para responder os questionários variou entre 15 a 40 minutos.

4.1.3) Hipóteses

O método utilizado nessa pesquisa é o hipotético dedutivo. Esse método tem como base a construção de hipóteses, onde a teoria é confrontada com a realidade. A hipótese principal é: A juventude tem uma representação negativa da profissão docente. A hipótese derivada é: As representações sociais que os jovens têm sobre os seus professores provocam mudanças no comportamento dos educandos dentro e fora da escola.

4.2) Método e Instrumentos de construção dos dados

Para os gregos clássicos a ciência era vista como um culto, pois o caminho que se percorre para chegar até os resultados exige um rito eivado de métodos, regras e técnicas. Assim, metodologia é caracterizada como um conjunto de métodos que dá segurança e validade a uma pesquisa. Moreira (2004) aponta que: *"A validade constitui, tal como a definição consagra, não uma propriedade dos instrumentos em si, nem mesmo dos seus resultados [...] mas sim da relação entre os resultados e algo que os transcende: uma inferência ou uma ação."* (p. 331)

A metodologia utilizada nessa pesquisa alicerça-se no método hipotético-dedutivo. Por este método, *"[...] a ciência não é um sistema de conceitos, mas, ao contrário, uns sistemas de enunciados."* (POPPER, 1975, p. 269 *apud* VIEGAS, 2007, p. 106). Viegas (2007) aponta que esse método visa *"[...] representar a realidade de maneira esquemática. Isolar as relações entre as variáveis que foram selecionadas e prever o comportamento dessas variáveis."* (p. 107). Assim, as hipóteses são submetidas à verificação, sendo confrontadas com a realidade, podendo ser refutadas ou corroboradas.

Esse trabalho tem uma abordagem quantitativa, tendo como suporte medidas e cálculos mensurativos, para assim poder buscar explicações que comprovem a veracidade dos resultados.

O instrumento elaborado para o desenvolvimento dessa pesquisa foi o questionário estruturado misto, utilizado como técnica de coleta de dados, com perguntas abertas e fechadas.

4.3) Refino dos dados

O questionário é composto por uma amostra geral com 24 itens e outra específica com 11 itens. Sendo 33 questões fechadas e uma aberta. Compondo um total de 34 itens.

Os dados gerais compreendem questões que envolvem: sexo, idade, estado civil, cor, orientação sexual, quantidade de irmãos, com quem mora, grau de escolaridade e profissão dos pais, renda familiar, se tem filhos, religião, cidade onde

mora, tipo de moradia, quantidade de quartos, carros, empregados e eletrodomésticos.

Os dados específicos são compreendidos por 11 questões referentes ao objeto de pesquisa, o professor. Para que assim, possa-se captar quais as representações que o alunado tem sobre seus professores. Os itens referem-se a: como a maioria dos professores são, definição de bom e mau professor, relacionamento entre professores e alunos dentro, fora da escola e da sala de aula, mudança de comportamento e se gostariam de seguir a profissão docente.

4.4) A análise dos dados

4.4.1) Dados Gerais:

A quantidade de irmãos predominantes são: um, dois e três com 25,29%; 38,13% e 15,56% respectivamente.

A composição familiar é formada, a maioria, por família biparental 51,75% dos jovens moram com os pais e irmãos. Já 18,29% são formadas por famílias monoparental, compostas por jovens que moram com o pai ou a mãe e os irmãos.

Com relação à escolaridade da mãe os jovens declararam que: 40,08% tinham o ensino médio completo; 20,62% o ensino fundamental incompleto; 12,06% o ensino médio incompleto; 8,95% o ensino fundamental completo; 6,61% o ensino superior completo; 3,50% pós-graduação completa; 3,11% eram analfabetas; 2,33% ensino superior incompleto; 0,39% pós-graduação incompleta e 1,95% dos jovens não responderam à essa questão.

Quanto à escolaridade do pai: 30,74% responderam que eles tinham o ensino médio completo; 24,12% o ensino fundamental incompleto; 13,23% o ensino fundamental completo; 8,17% o ensino médio incompleto; 7,78% o ensino superior completo; 5,84% dos jovens não responderam a essa questão; 3,11% pós-graduação completa; 2,72% são analfabetos; 2,33% o ensino superior incompleto; 1,17% pós-graduação incompleta; 0,78% dos jovens não sabem o grau de escolaridade do pai.

Quanto aos filhos: 97,28%, a maioria, dos jovens responderam não ter filhos e 2,72% responderam tê-los.

Quanto à propriedade da casa em que moravam: 71,98% responderam que a

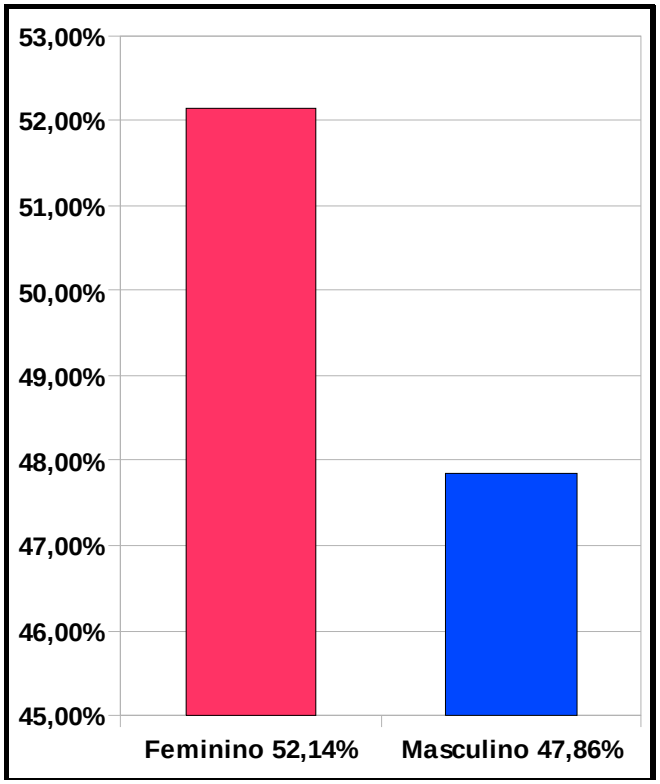
moradia era própria; 22,57% alugada; 3,50% cedida; 1,56% funcional; e 0,39% mora em abrigo.

Com relação ao tipo de casa: 97,67% responderam morar em casa de alvenaria e 2,33% em barraco.

Quanto à realização de atividade remuneradas: 66,54% dos jovens responderam não exerceram nenhuma atividade; 12,45% faziam estágio; 8,17% tinham emprego; 6,61% exerciam outras atividades remuneradas; 2,72% exerciam atividades esporádicas conhecidas como “bicos”; 1,95% dos jovens responderam que eram autônomos e 0,78% não respondeu à essa questão.

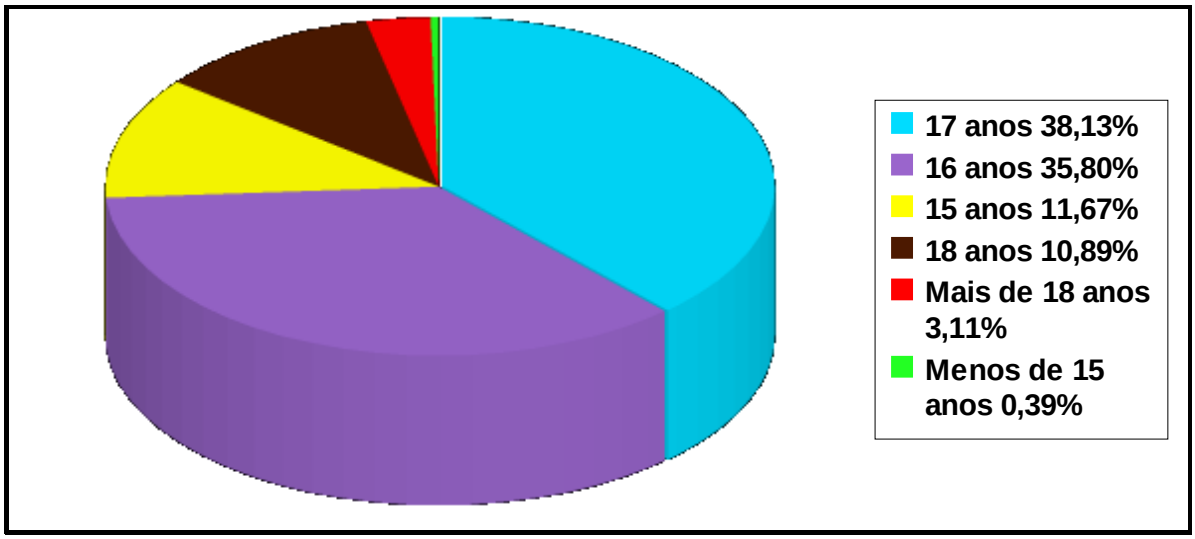
No que diz respeito àqueles que exerciam alguma atividade remunerada: 20,62% responderam ganhar menos de um salário mínimo; 5,45% um salário mínimo; 3,11% mais de um e menos de dois salários mínimos e 1,95% não responderam à questão.

Gráfico 1 – Sexo



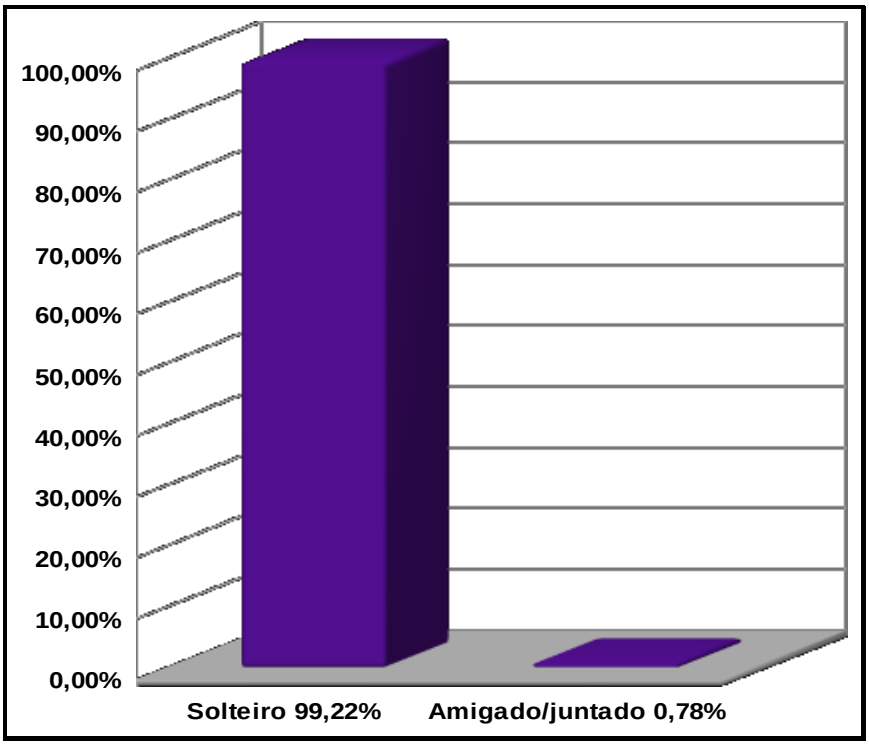
A amostra dessa pesquisa compreende 257 jovens, sendo 134 do sexo feminino (52,14%) e 123 do sexo masculino (47,86%).

Gráfico 2 – Idade



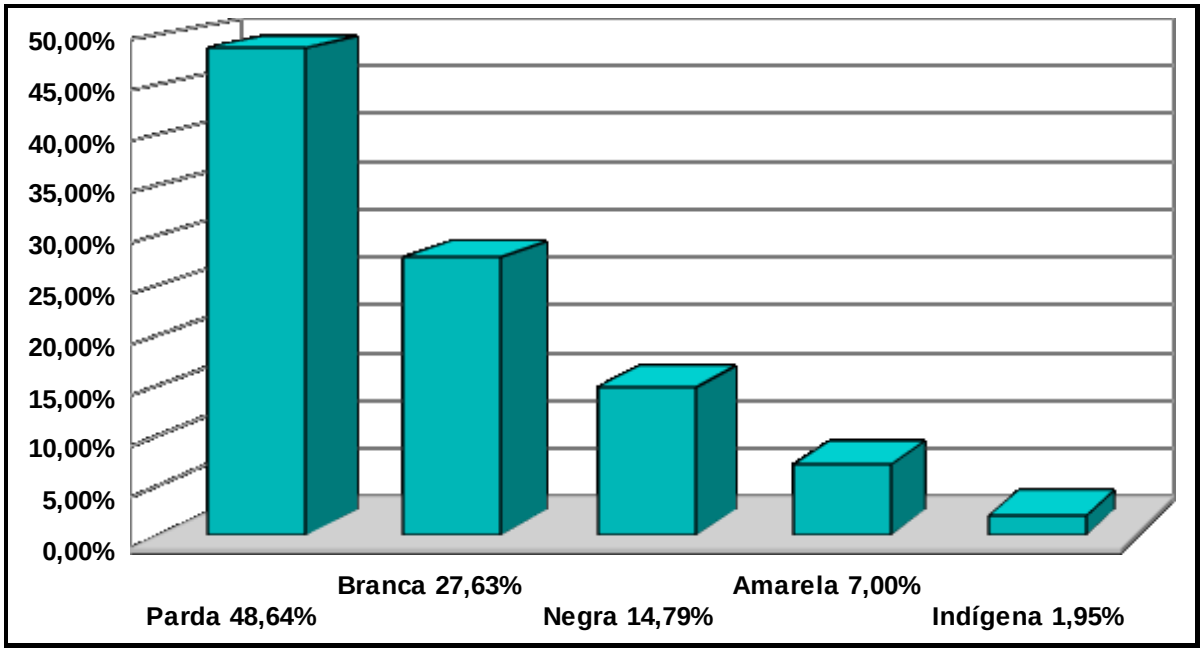
No que se refere à idade, os alunos na época da pesquisa tinham: menos de 15 anos 0,39%; 15 anos 11,67%; 16 anos 35,80%; 17 anos 38,13%; 18 anos 10,89% e mais de 18 anos 3,11%.

Gráfico 3 – Estado civil



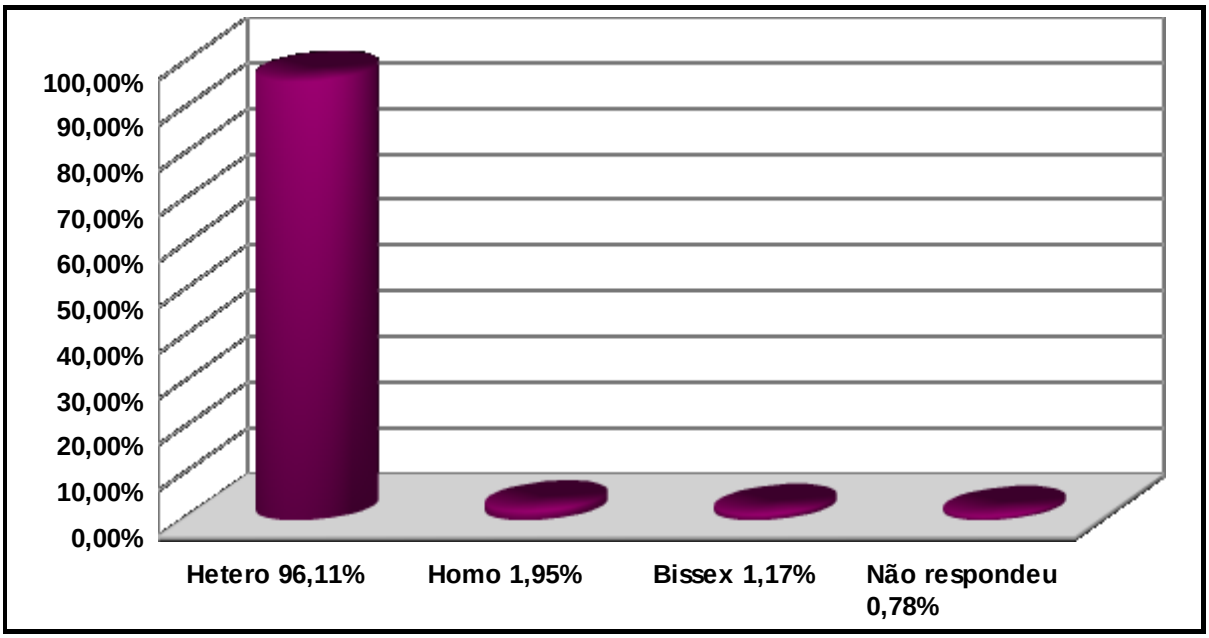
Quanto ao estado civil 99,22% declararam-se solteiros e 0,39% se encontram-se amigado ou juntado.

Gráfico 4 – Cor/Raça



No que diz respeito à cor ou raça: 48,64% se declararam-se parda; 7% amarela; 27,63% branca; 14,79% negra e 1,95% indígena.

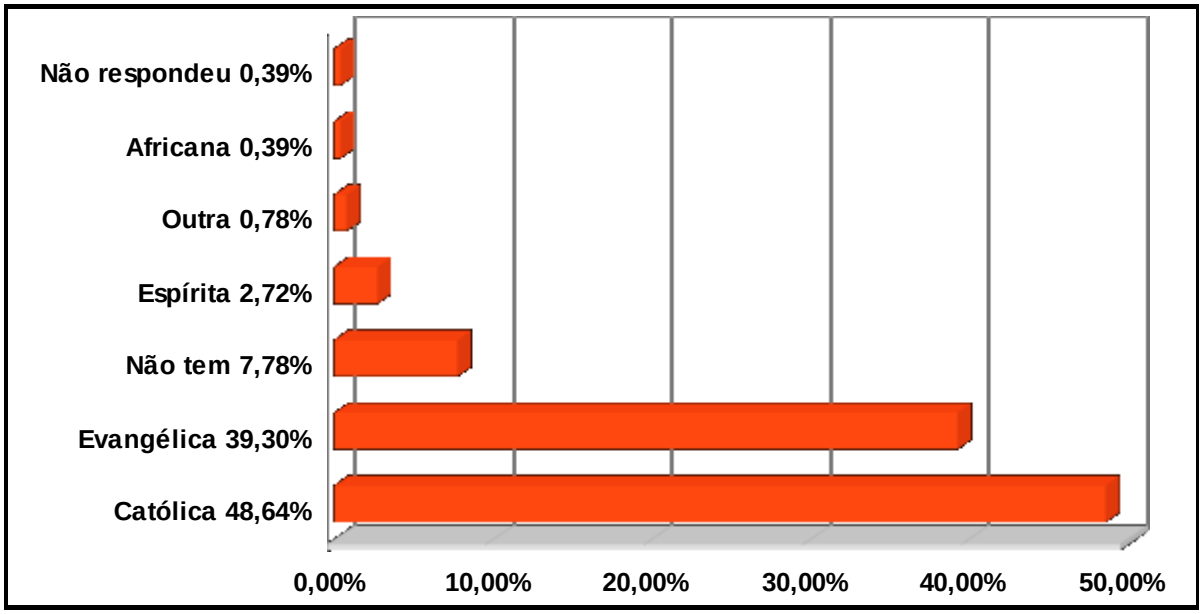
Gráfico 5 – Orientação sexual



Quanto à orientação sexual 96,11% disseram ser heterossexual; 1,17%

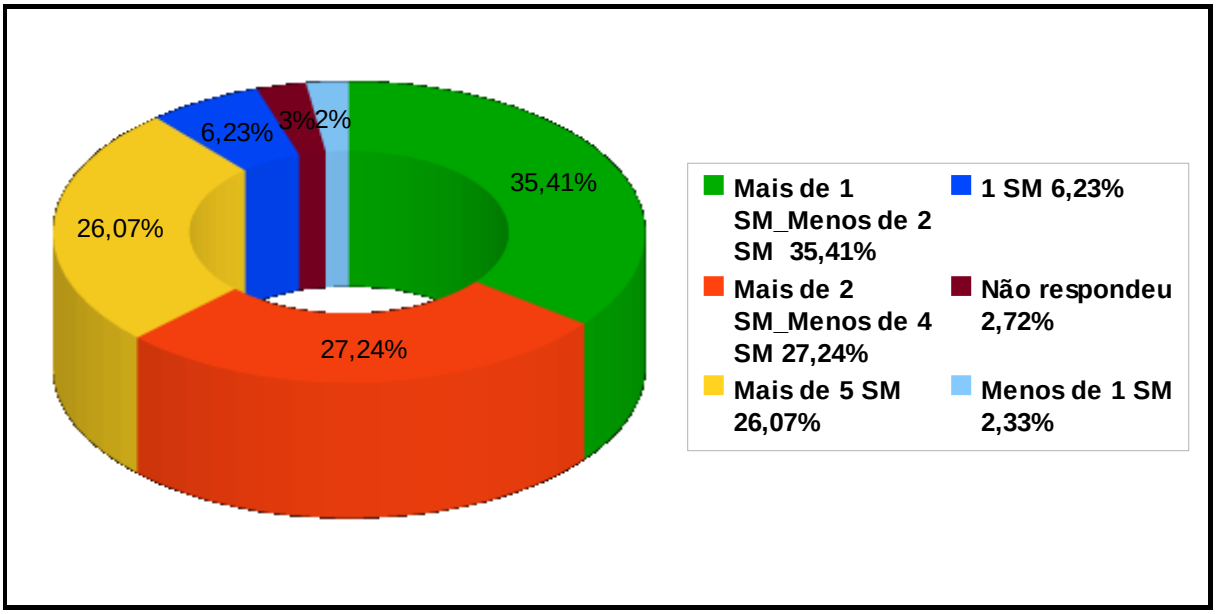
bissexual; 1,95% homossexual e 0,78% não respondeu à questão.

Gráfico 6 – Religião



No que diz respeito à religião: 48,64% doa jovens responderam que são católicos; 39,30% evangélicos; 7,78% declaram não ter religião; 2,72% são espíritas; 0,78% responderam ter outra religião; e 0,39% não respondeu à questão.

Gráfico 7–Renda familiar



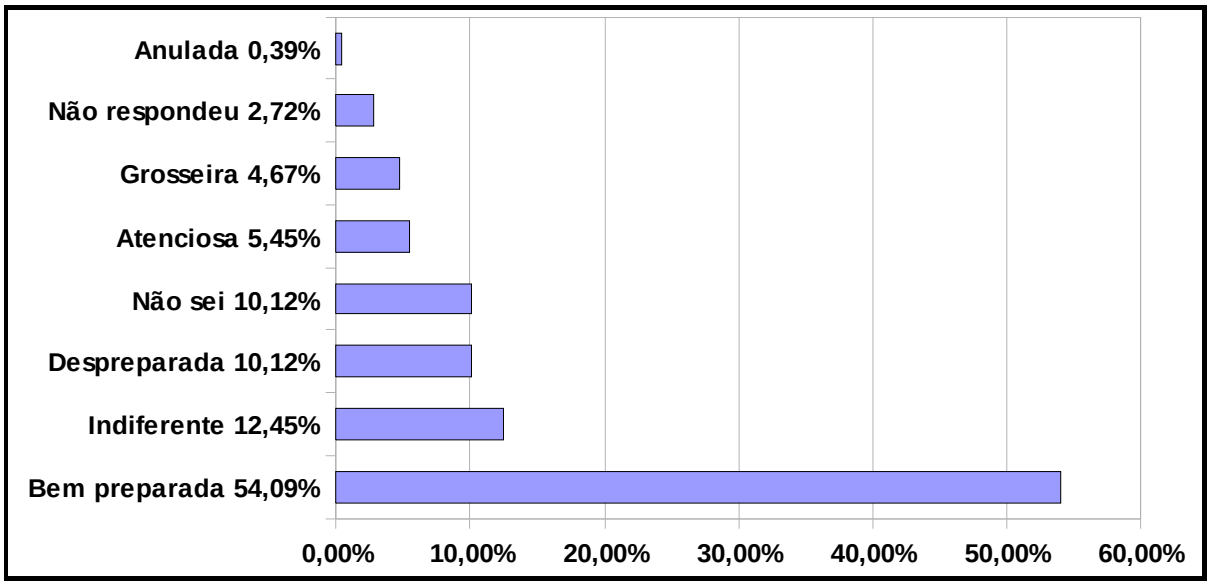
No que se refere à renda familiar: 35,41% dos jovens responderam que suas

famílias têm uma renda entre mais de um e menos de dois salários mínimos; 27,24% entre mais de dois e menos de quatro salários mínimos; 26,07% mais de cinco salários mínimos; 6,23% um salário mínimo; 2,33% menos de um salário mínimo e 2,72% não respondeu à essa questão.

4.4.2) Dados sobre os professores

Nos dados específicos, referentes ao objeto da pesquisa, os jovens responderam onze questões sobre o professorado, procurando captar assim a imagem que os jovens têm do professor.

Gráfico 8: De modo geral, a maioria dos professores é:

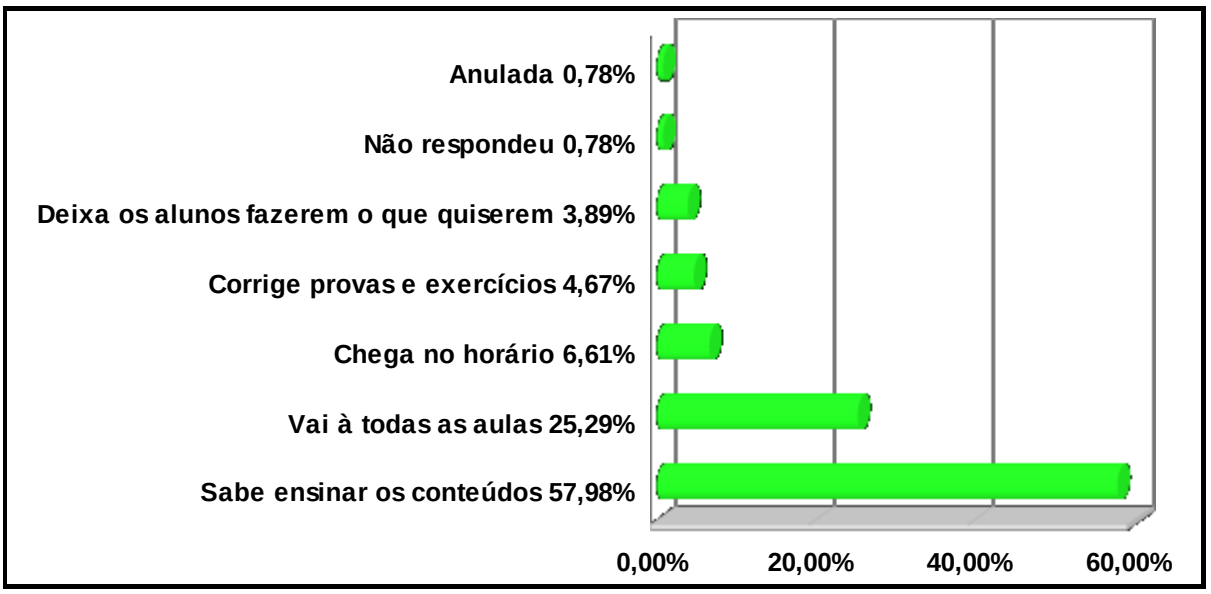


Quando questionados sobre a representação dos seus professores para ministrarem aulas, os jovens responderam que: 54,09% são bem preparados; 12,45% são indiferentes; 10,12% são despreparados; 10,12% não souberam dizer como a maioria dos seus professores são; 5,45% responderam que a maioria é atenciosa e 2,72% não responderam à questão.

Assim, para a maioria dos alunos, seus professores estão bem capacitados para ministrarem as aulas, pois conseguem aprender o que lhes é ensinado pelos professores. Durkheim (1994) destaca que os valores são construtos desejáveis, pois tudo o que é considerado bom é desejável, e aprender é algo que os alunos

buscam ao frequentarem a escola. Quando os educandos classificam a maioria dos seus professores como bem preparados, eles atribuem um valor ao trabalho do professor, valor esse que é desejado pelo educador, pois esse reconhecimento faz com que seu trabalho seja valorizado. *"[...] tudo que tem valor é bom por algum motivo. Aquilo que é bom é desejável; e todo desejo é um estado interior."* (DURKHEIM, 1994, p. 123). Isso pode ser observado no gráfico seguinte quando os alunos responderam o que define um bom professor.

Gráfico 9: Bom professor é aquele que:

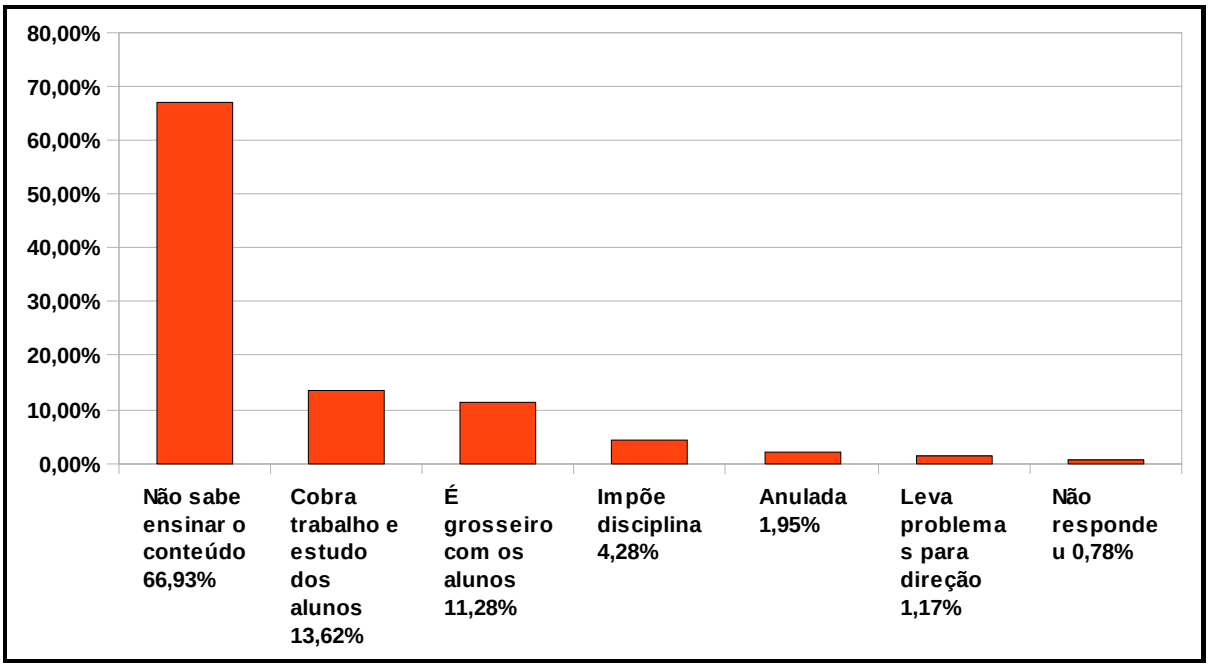


Nessa questão os jovens marcavam, em ordem de importância, os itens que definiria um bom professor. Sendo os de maiores porcentagens considerados os mais importantes. Assim: 57,98% definem como bom professor aquele que sabe ensinar o conteúdo; 25,29% aquele que vem a todas as aulas; 6,61% os que chegam no horário; 4,67% os que corrigem provas e exercícios; 3,89% aqueles que deixam os alunos fazerem o que quiserem e 0,78% não respondeu à questão.

Portanto, para a maioria dos alunos um bom professor é aquele que consegue ensinar o conteúdo de uma forma atrativa, quando eles conseguem compreender o que está sendo dito. Para Durkheim (2008), o valor que os indivíduos atribuem as coisas é algo construído socialmente, assim quando um aluno diz que saber ensinar conteúdo é o que classifica um bom professor, isso é dito porque essa noção de "bom" já está estabelecido socialmente. Para os outros alunos essa classificação já

não define um bom professor, porque seus valores de classificação são diferentes. Cunha (1999) por meio dos seus estudos também observou que para os alunos o bom professor é aquele que domina o conteúdo. Evidenciando assim que, a representação de bom professor passa necessariamente pelo saber dominar o conteúdo.

Gráfico 10: Definição de mau professor:



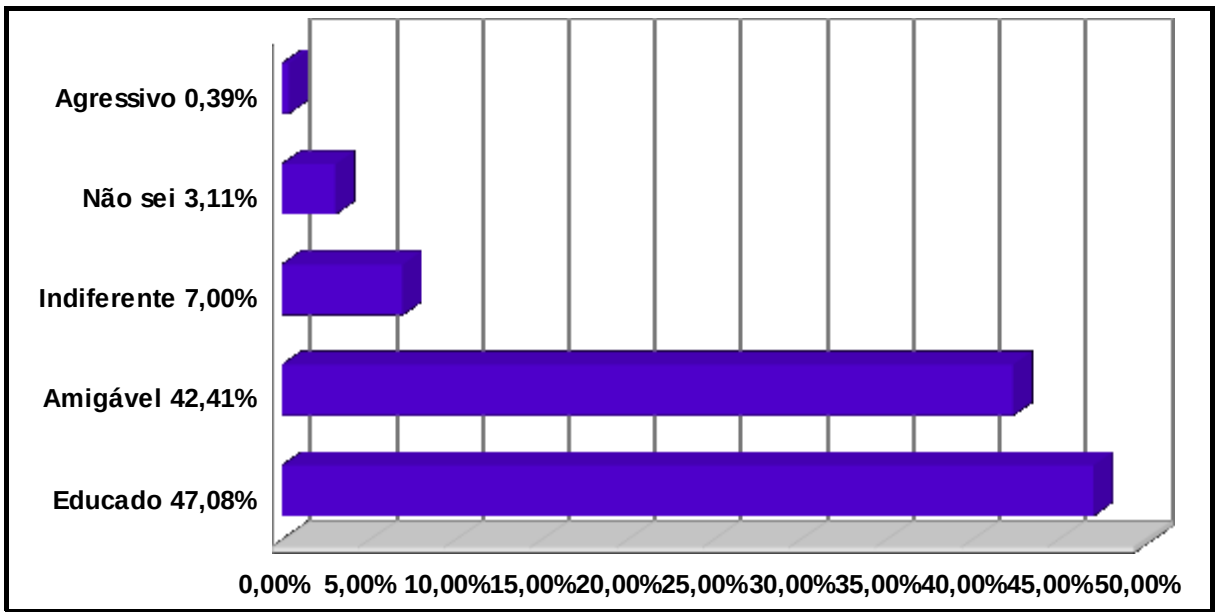
Em contraponto à questão anterior os jovens também definiram, em ordem de importância, o que define um mau professor. Assim, para a maioria dos jovens um mau professor é aquele que não sabe ensinar o conteúdo (66,93%); 13,62% responderam que é o professor que cobra trabalho e estudos dos alunos; para 11,28% é aquele que é grosseiro com os alunos; para 4,28% é aquele que impõe disciplina; para 1,17% é aquele que leva os problemas para a direção e 0,78% não respondeu à questão.

Portanto, não saber ensinar o conteúdo é o que define um mau professor para a maioria dos jovens. Contrapondo à questão anterior, onde o bom professor é aquele que sabe ensinar o conteúdo. O modo como o professor desenvolve sua prática passará então pela avaliação dos alunos, que estarão ali para classificarem seus professores como bons ou maus.

Assim, os alunos ao classificarem o mau professor como aquele que não

sabe ensinar o conteúdo, evidenciam a imagem negativa do trabalho do professor, pois isso faz com que eles não aprendam os conteúdos, ferindo por conseguinte o valor sagrado de bom professor. Os objetos e os seres são posicionados em uma escala classificatória que embute valores como: certo e errado; negativo e positivo; bom e mal. Assim, *"Categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele."* (MOSCOVICI, 2007, p. 63)

Gráfico 11: Relação do aluno com o professor dentro da sala de aula.

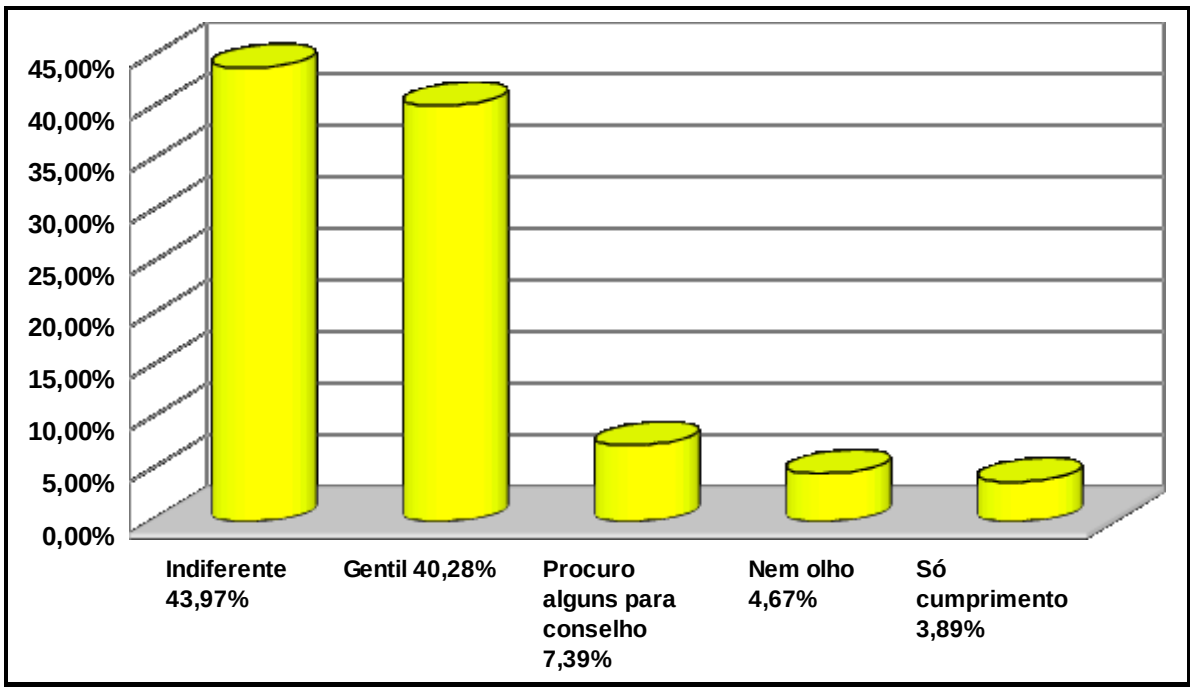


Quando questionados como é o relacionamento com seus professores dentro da sala de aula, 47,08% dos jovens mantêm uma relação educada com seus professores; 42,41% mantêm uma relação amigável; para 7,0% essa relação é indiferente; 3,11% não sabem como é o relacionamento com seus professores dentro da sala de aula e 0,39% respondeu que o relacionamento é agressivo.

Entendendo que esse relacionamento é a forma como alunos e professores se comportam em sala de aula nas diversas situações. A construção dos sujeitos acontece tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Assim, o universo reificado é caracterizado por Moscovici (2007), como *"[...] organizações preestabelecidas, cada uma com suas regras e regulamentos."* (p. 52). Onde os comportamentos são adequados conforme as circunstâncias, portanto, a forma como o professor

comporta-se em sala de aula, a maneira como desenvolve sua prática, são características para que os alunos classifiquem seus professores, tendo como referências as relações e as circunstâncias que permeiam o ambiente dentro da sala de aula.

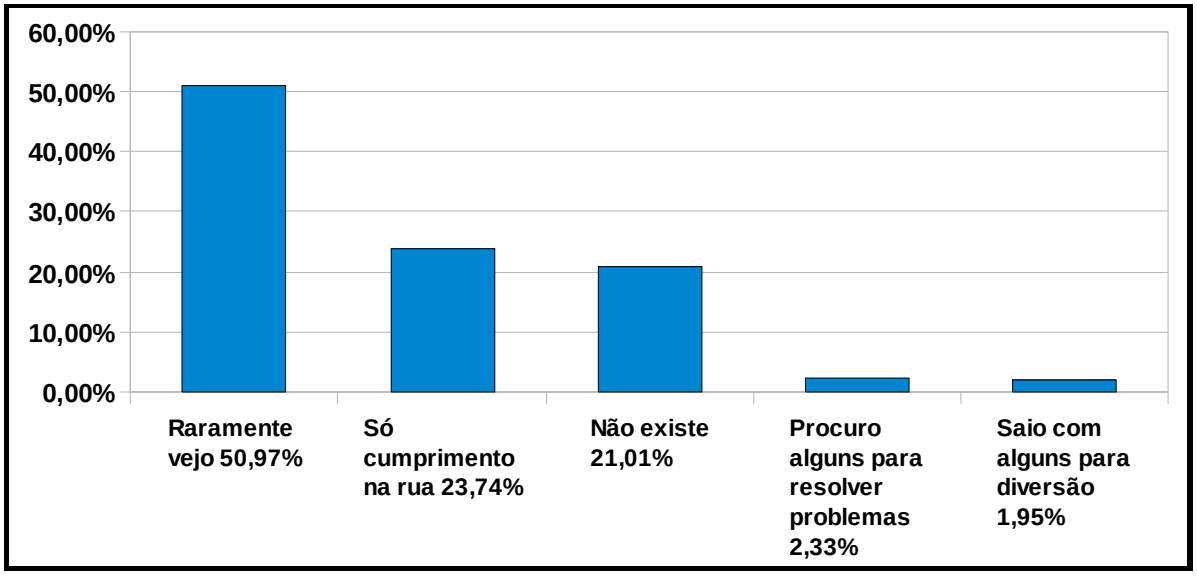
Gráfico 12: Relação dos alunos com os professores fora da sala de aula.



Os jovens ao serem questionados como é o relacionamento com seus professores fora da escola, isso é nos corredores, 43,97% só cumprimenta o professor; 40,28% mantém uma relação gentil; 7,39% procura alguns professores para pedir conselhos; outros 4,67% nem olha para os professores quando os encontram fora da sala de aula e para 3,89% essa relação é indiferente.

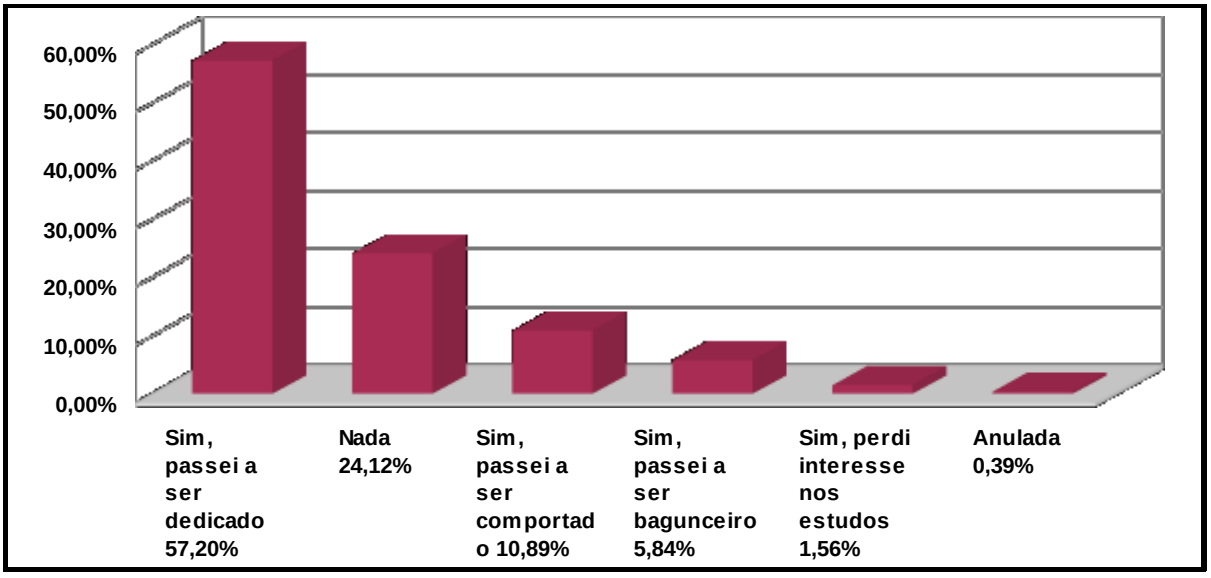
Portanto, a educação também ocorre de maneira informal, nas interações cotidianas, nos espaços de convivência, com a família, amigos, fora da sala de aula e da escola. Assim, Moscovici (2007) caracteriza esse espaço como um ambiente consensual onde há *"[...] uma criação visível, contínua, permeada de sentido e finalidade[...]"* (p. 49). Evidenciando assim, que as relações estabelecidas fora da sala de aula também contribuem para o aprendizado e a convivência dos atores sociais da escola.

Gráfico 13: Relação dos alunos com seus professores fora da escola.



Quando questionados sobre como era o relacionamento com a maioria dos seus professores fora da escola, 50,97% afirmam que raramente os vê; 23,74% só os cumprimenta na rua; para 21,01% essa relação não existe; 2,33% os procuram sempre quando tem problemas; e 1,95% sai com alguns para se divertirem. Assim, verifica-se que a maioria dos alunos não têm contato fora da escola com seus professores.

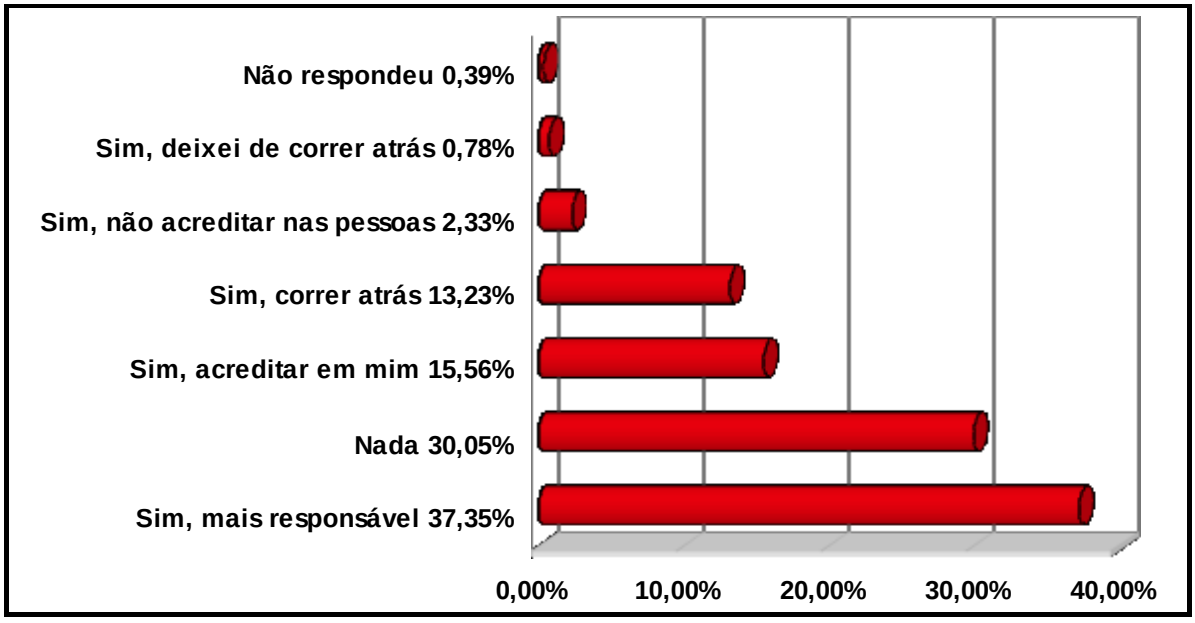
Gráfico 14: Seu relacionamento com algum professor contribuiu para mudar o seu comportamento?



Nessa questão, os jovens poderiam marcar mais de uma opção e a maioria dos alunos assim o fez. Para 57,20% dos alunos o relacionamento na escola com algum professor fez com que eles passassem a se dedicar mais aos estudos; 24,12% responderam que não contribuiu em coisa alguma; 10,89% passaram a ser mais comportados; 5,84% responderam que perderam o interesse pelos estudos; e 1,56% passou a ser mais bagunceiro.

Para a maioria dos alunos, a relação que mantêm com seus professores contribui significativamente para mudança de comportamento na escola, passando assim a ser a se dedicarem mais aos estudos. Assim, os dados permitem evidenciar que a forma como os professores se comportam na escola, as atitudes que tomam, podem contribuir para mudar o comportamento dos alunos. Isso está relacionado ao valor que cada aluno atribui às atitudes de seus professores.

Gráfico 15: Relação com o professor mudou seu comportamento fora da escola?

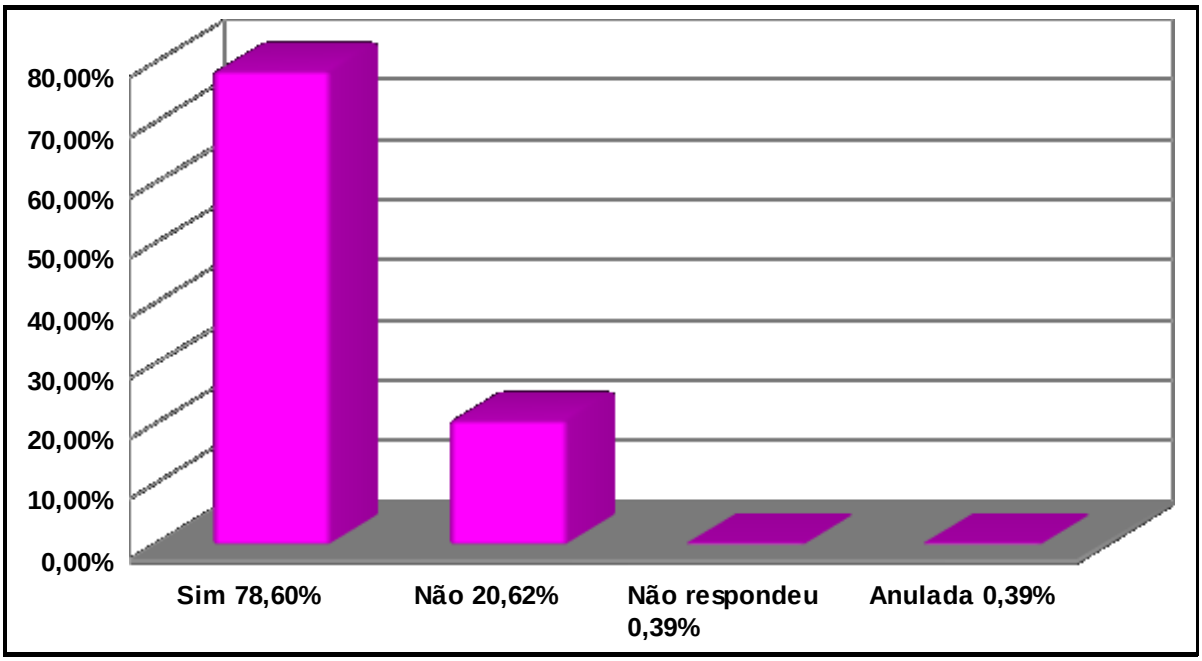


Como na questão anterior, poderia ser marcada mais de uma opção e a maioria dos alunos assim o fez. Quando questionados se o relacionamento com seus professores contribuiu para mudança de comportamento fora da escola 37,35% responderam que passaram a ser mais responsável; para 30,35% não contribuiu para coisa alguma; 15,56% passaram a acreditar mais em si mesmos; 13,23%

passaram a correr atrás das coisas que queriam; 2,33% passaram a não acreditar mais nas pessoas; 0,78% deixou de correr atrás das coisas que queriam e 0,39% não respondeu a questão.

Quando 30,35% dos alunos dizem que o seu relacionamento com seus professores não contribuiu para coisa alguma, Dimenstein e Alves (2007) salientam que isso não é "culpa" só dos professores, mas sim da escola que não consegue seduzir os alunos com um ensino atraente, que consiga despertar curiosidade para o conhecimento. Assim, os os professores acabam sendo vítimas de um sistema desmotivador e padronizado. Portanto, esses alunos acabam não conseguindo sentir motivação pelo que a escola e seus agentes sociais oferecem, por não conseguirem aplicar o que aprendem em seus cotidianos fora da escola. Os mesmos autores apontam que os professores têm uma autoridade moral, pois eles são aprendizes a mais tempo e que continuam aprendendo, mostrar isso para os alunos é evidenciar que o aprendizado é constante e que o professor não é somente o detentor de todo conhecimento. *"[...] um dos problemas do aprendizado é que o aluno não vê o professor aprendendo. Na verdade, o professor, teoricamente, ensina, mas não se mostra aprendendo. Então, o aluno não tem o exemplo moral do professor aprendiz."* (DIMENSTEIN; ALVES, 2007, p.49)

Gráfico 16: Gostaria de ser professor?



Quando foram questionados se queriam seguir a profissão docente 78,60% responderam que não querem ser professores; 20,62% marcaram que gostariam de ser professores e 0,39% não respondeu à questão.

Questão Aberta: Explique por que você quer ser ou não professor

Logo após a pergunta sobre se o jovem gostaria de ser professor, aquele tinha que explicar o porquê de querer ser ou não professor.

As respostas favoráveis a querer ser professor evidenciam que esses indivíduos tem uma imagem sagrada da profissão docente quando escreveram que: *“Acho que eu conseguiria mudar a vida de muitos alunos.”*; *“Gostaria de ajudar meu país com educação.”*; *“Para também poder levar conhecimento para outras pessoas, assim como eu tive a oportunidade de ter professores, quero também poder passar para outros.”; “Pela importância de passar conhecimento para o próximo e também pelo salário razoável que pode ser um começo na realização financeira e profissional.”; “Porque acho uma profissão bela com um grau de importância elevado, todos precisam de um.”; “Porque é um sonho que tenho, além disso os professores podem mudar muito nossa sociedade.”; “Porque é um sonho ser professor de educação física.”; “Porque quando exercida com amor se torna maravilhosa.”* Essas são algumas frases escritas pelos alunos de escolas públicas do Distrito Federal que desejam ser professores futuramente.

Isso aponta que a imagem da profissão docente que esses jovens possuem está ligada a algo que eles atribuem valor, esse valor tem um significado, que está alicerçado no universo sagrado da profissão. Pois ao dizerem que acham importante levar conhecimento a outros indivíduos, por ser uma profissão importante, um sonho e que é necessário amor para exercer tal profissão,que ajuda a melhorar a vida de muitas pessoas e do país, eles estão hierarquizando a profissão, colocando-a em um patamar elevado, pois isso lhes atribuem um significado e consequentemente um valor.

Portanto, O sagrado é caracterizado por ser algo que está acima de qualquer questionamento, por isso, é separado. Ele ocupa um nível mais alto, onde o ajudar o

país, a importância de passar o conhecimento ao outro e o amor são evidenciados como princípios básicos da profissão. Esses elementos não se confundem com o profano.

Já os argumentos daqueles que não querem ser professor evidenciam uma imagem negativa da profissão. Quando os jovens dizem que: *“Apesar de ser um profissional importante para o país, eu gostaria de um emprego com maior remuneração e mais reconhecimento.”; “É uma profissão muito difícil e complicada, principalmente, por conta do desinteresse dos alunos atuais.”; “Hoje há uma cobrança grande dos professores, alunos não respeitam e as vezes são obrigados a fazer coisas indesejáveis.”; “Muita responsabilidade e tem que ter paciência, coisa que quase não vejo nos professores , enfim, muita pressão.”; “Muito estressante e cansativo, são muitos os casos de professores adoentados.”; “Não faz nada além de ler jornal e tomar café.”; “Professor deveria ser mais valorizado e não é.”; “O salário não compensa e a profissão é muito desvalorizada.”; “Odeio professor.”; “Porque acho que hoje em dia os professores são muito humilhados pelos alunos.”; “Porque acho uma merda de profissão.”; “Porque acho que hoje em dia o professor não tem o prestígio que merece.”; “Porque dá muito trabalho ensinar as pessoas que, muitas vezes, nem olham na nossa cara e existe muito desrespeito.”; “Porque eu não aguentaria alunos, diretores e pais reclamando direto e o trabalho de professor é muito puxado.”; “Porque professor é uma profissão que passa muita raiva, leva muito desaforo.”; “Porque quero algo maior para mim.”; “Procuro uma área que não me estresse tanto, professores sofrem muito.”; “ Professor é muito julgado por aluno e é uma profissão meio arriscada.”; “Porque não é uma profissão que tem que tem muita importância, não é lhe dada o devido valor.”; “Porque não é uma profissão que me atrai, o plano de carreira é ruim, o profissional não encontra um ambiente de trabalho estruturado e com recursos.”* Essas são algumas frases escritas pelos alunos de escolas públicas do Distrito Federal que não querem ser professores futuramente.

Essas representações dos alunos que não querem ser professores, apresentam diversos aspectos ligados a prática docente, as relações em sala de aula e ao que é disseminado nos meios de comunicação de massa. O que salienta uma hierarquização perante as outras profissões e o valor dado a elas. A profissão

docente encontra-se em uma patamar profano, em um nível mais baixo da escola social das profissões. Observa-se que a profissão é caracterizada pelos alunos por não ter prestígio social e isso é uma das razões para não querer ser professor. O valor do salário, desrespeito dos alunos, falta de reconhecimento, professores adoentados etc. São realidades presentes no cotidiano escolar que perpassa os muros da escola. Quando não conseguem sanar todas as dificuldades adoecem. Isso é evidenciado por Aguiar e Almeida (2008) quando dizem que:

> Expressivo número de professores não tem conseguido sentir prazer no trabalho e nem atribuir um sentido positivo à função de ensinar. Somam-se a este fenômeno situações escolares, familiares e sociais adversas, que acabam transformando o ofício de mestre em um grande sofrimento. (p.17)

O próprio educador-professor tem uma imagem profana do ofício que exerce, ao caracterizá-la como uma profissão sem *status*, baixos salários e mesmo assim ele a exerce. A sociedade responsabiliza o professor se os alunos não aprendem, eles carregam isso, muitas vezes, como obrigação. Ao internalizarem esse contexto e não conseguirem responder as expectativas da sociedade, o educador acaba por fazer uma pratica profana. Portanto, o professor também faz profanação da sua profissão quando salienta as dificuldades, desconforto e o desprazer em ser professor.

> [...] a sociedade parece que deixou de acreditar na educação como promessa de um futuro melhor; os professores enfrentam a sua profissão com uma atitude de desilusão e de renúncia, que se foi desenvolvendo em paralelo com a degradação da sua imagem social. (ESTEVE, 1999, p. 95)

CAPÍTULO V

Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo investigar as representações sociais da juventude sobre os professores, tentando identificar quais imagens os alunos têm sobre os professores e se a relação professor-aluno influencia no comportamento desse último.

Atendendo ao cerne de interesse dessa pesquisa foi feito estudos sobre as representações sociais iniciadas por Émile Durkheim, procurando entender como elas permeiam as relações sociais das comunidades primitivas e como isso ocorre nas relações da atualidade. O resgate histórico sobre a juventude permitiu compreender a existência de diversas juventudes e como as sociedades cuidavam e controlavam seus jovens. O estudo sobre os professores permitiu deslindar um campo que permeia o universo sagrado e profano da profissão, evidenciando o imaginário social da profissão docente.

Por intermédio da pesquisa de campo foi possível captar as representações sociais da juventude sobre seus professores, assim como identificar os critérios que qualificam o bom e o mau professor. Verificou-se assim, que existe uma imagem que permeia o universo sagrado e profano da profissão docente. 57,98% dos jovens definem como bom professor aquele que sabe ensinar o conteúdo, já para 66,93% um mau professor é aquele que não sabe ensinar o conteúdo.

As representações sociais tem uma função, a de criar em nosso sistema de referências, os valores que fazem com que os indivíduos regulem suas relações sociais. Isso muda ao longo do tempo. *“[...] as categorias do pensamento humano jamais são fixadas de forma definitiva; elas se fazem, se desfazem, se refazem, sem cessar; elas mudam conforme os lugares e os tempos.”* (DURKHEIM, 1994, p.44)

A juventude é um construto definido por cada sociedade, mas constata-se que cada sociedade impõe limites, controla e educa sua juventude. Essa não é caracterizada por ser única, mas são diversas juventudes, cada uma com suas particularidades. Um período de transição marcado por ritos de passagem.

A profissão docente apresenta um viés profano e sagrado e isso foi constatado por meio das hipóteses que conseguiram captar as representações dos

alunos sobre os professores. A hipótese principal é: A juventude tem uma representação negativa da profissão docente. A hipótese derivada é: As representações sociais que os jovens têm sobre os seus professores provocam mudanças no comportamento dos educandos dentro e fora da escola. Tendo como referência os dados coletados, a hipótese central da pesquisa foi corroborada, uma vez que se constatou que os alunos têm uma representação negativa da profissão docente.

As representações negativas acerca da profissão docente são constatadas tendo como base dois motivos: 78,60% dos alunos das escolas públicas de ensino médio do Distrito Federal não querem ser professores e também pela justificativa do porquê não ser professor. As respostas dos alunos evidenciaram muitos motivos, entres eles destacam-se:

"É horrível, alunos muito mal educados e não quero ficar maluca." Essa citação foi uma das respostas de um dos alunos desta pesquisa, justificando o porquê de não ser professor. Isso aponta que a representação do aluno encontra-se em um patamar profano, onde a profissão é comparada com loucura.

Já outro aluno justifica que: "*Porque é uma profissão que exige capacitação, tem que ter dom e porque é mal remunerada e o excesso de trabalho que são levados para casa."* Nessa justificativa são explicitados vários motivos, o primeiro aponta para a exigência de formação, fundamental para quem quer lecionar. A segunda justificativa refere-se ao dom, que é preciso ter vocação para ensinar. Esse tipo de argumento é apontado por outros alunos*: "Acho que para ser professor tem que ter um dom."* Outra justificativa destaca: *"Pois tenho vontade de atuar na medicina e não quero ser professor que maltrata os alunos e trás problemas pessoais para escola."* Essa representação evidencia o mal-estar que existe sobre a profissão docente, apontado por Aguiar e Almeida (2008), onde os professores acabam mostrando o incômodo que sentem em suas práticas em sala de aula, apresentando para os alunos as suas insatisfações. O maltratar pode ser um reflexo da insatisfação que o professor sente em sua prática. A profissão também é vista como segunda opção na vida de muitos jovens, dando à docência um caráter menor, intrinsecamente profano. *"Quero ser engenheiro, embora se não tiver opções seria professor."*

Assim, a representação social da juventude sobre a profissão docente é caracterizada pela: *Falta de paciência, não gosta da profissão, falta de reconhecimento/desvalorização da profissão, falta de vocação/dom/identificação; remuneração baixa, muita responsabilidade, falta de respeito dos alunos, estressante, desgastante, complicada e cansativa.* Todas essas características enfocam especificamente a profanação da profissão docente, entretanto, isso não é observado com tanto enfoque quando se trata de outras profissões.

A hipótese derivada, de que as representações sociais que os jovens têm sobre os seus professores provocam mudanças no comportamento dos educandos dentro e fora da escola foi corroborada. Para 57,20% dos alunos o relacionamento com seus professores dentro da escola fez com que eles passassem a se dedicar mais aos estudos. Já para 37,35%, o relacionamento com seus professores contribuiu para mudança de comportamento fora da escola passando a ser mais responsável. Entretanto, para 30,35% não contribuiu para coisa alguma. Esse último dado faz com que ainda existem muitos alunos que acreditam que seus professores não influenciam em nada em suas escolhas. Muitos disseram que dentro da escola houve uma contribuição, entretanto essa contribuição não se refletiu fora da escola.

Esse contexto coloca a profissão docente em dualidade pois, ao mesmo tempo ela se encontra em um patamar profano, mas liga-se com algo sagrado. Percebe-se que, para os alunos, ser professor é uma profissão que demanda talento e disposição, como se o indivíduo fosse predestinado para fazer aquele ofício. Já a baixa remuneração e o excesso de trabalho tem um viés profano, características ligadas à imagem da profissão docente. Entretanto existe um paradoxo, mesmo os alunos tendo uma representação negativa sobre a profissão docente, os jovens os consideram agentes que provocam mudanças em seus comportamentos. Essa contradição é mais uma complexidade que permeia o universo escolar, pois como algo considerado negativo pode provocar mudanças positivas? Observa-se assim que a profissão docente encontra-se em um universo paradoxal, intercalando-se entre o sagrado e o profano.

A imagem sagrada da profissão tem um viés voltado para ajudar o outro ou a melhorar a educação. Isso fica claro nas respostas dos alunos quando questionados porque gostariam de ser professor: *“Porque eu tentaria fazer tudo o que os*

professores que tive não fizeram, dar aula de qualidade e ensinar de verdade, não fingir que ensinou e os alunos fingirem que aprenderam." A vontade do aluno de fazer melhor do que os professores que teve, ainda faz com que ele tenha uma imagem positiva da profissão, por sentir que fazer diferente pode mudar a realidade do cenário educacional. Outro jovem já vê a profissão como algo que ele pode fazer para ajudar o próximo. *"Acho que eu conseguiria mudar a vida de muitos alunos."* Essa imagem está muito ligada ao início da profissão, onde ela era exercida pelos clérigos como aponta Nóvoa (1999), uma profissão vista socialmente como salvadora da pátria, capaz de ajudar a resolver todos os problemas sociais e educacionais. Portanto a imagem sagrada do professor está vinculada ao seu papel desenvolvido socialmente, mas apenas 20,62% dos jovens gostariam de ser professores.

O próprio professor, muitas vezes, contribui para a profanação do seu ofício, ao se colocar como vítima, expondo seu mal-estar, a desvalorização profissional, mas ao mesmo tempo reivindica melhores salários, reconhecimento e valorização pelo seu trabalho. Mudando assim completamente as representações, intercalando-se entre a imagem profana e sagrada da profissão.

Portanto, as representações sociais que os jovens têm sobre seus professores mudam conforme o tempo e as sociedades. Assim, em cada momento essas representações estabelecem um caráter sagrado e profano. Dependendo do valor que a sociedade caracteriza esse profissional. No ano de 2010, período de realização dessa pesquisa, a representação que os alunos têm sobre seus professores é totalmente profano. Mesmo sendo uma profissão considerada importante para o desenvolvimento dos cidadãos, 78,60% dos alunos dessa pesquisa não querem ser professores futuramente e as justificativas principais tem como base a falta de reconhecimento profissional, baixos salários e falta de respeito dos alunos.

Os professores têm um grande desafio, superar a imagem social de sua profissão desgastada por um imaginário profano. Tentar inverter essa imagem não depende exclusivamente dos professores, mas de toda sociedade. A qualidade da educação passa necessariamente pela valorização de seus professores e sem esses a escola não tem sentido, assim como aponta Cunha (1999), "[...] *é impossível*

desconhecer que sem o professor não se faz escola [...]" (p.27).

PROJEÇÕES FUTURAS.

Quando criança sempre brincava de professora, mas não era algo que cogitava ser quando crescesse. De certa forma somos influenciados socialmente pelas profissões ditas valorizadas e com prestígio social, assim eu já quis ser: advogada, administradora, historiadora, cantora, jornalista, atriz, bibliotecária, secretária executiva e arquivista. Mas acabei cursando Pedagogia por influência de uma amiga. Ao entrar deparei-me com um mundo novo cheio de possibilidades. Os estágios proporcionaram-me experiências únicas onde pude conhecer tanto o universo da sala de aula quanto os das instituições não escolares.

Esse trabalho me fez apaixonar pela questão do professor, o universo que permeia a profissão. Assim, pretendo fazer mestrado nessa área e quem sabe doutorado também. Quero lecionar, pois acho que todo pedagogo precisa passar pela sala de aula, pois é nesse universo que a prática se confronta com a teoria, é onde se aprende a ser professor. Com a minha aprovação no concurso da Secretaria de Educação começarei meu caminho pela docência, em busca de uma educação de qualidade principalmente pela valorização dos professores. Os desafios são muitos e o caminho não é fácil, mas com persistência e dedicação tudo dará certo.

Referências Bibliográficas

Referências Citadas:

AGO, Renata. Jovens nobres na era do absolutismo: autoritarismo paterno e liberdade. In: LEVI, Giovanni & SCHIMITT, Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens 1:** da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.: 325 – 366.

AGUIAR, Rosana Maria Rolando; ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. **Mal-estar na educação:** o sofrimento psíquico de professores. Curitiba: Juruá, 2008. 94p.

ALMEIDA, Danilo di Manno de. O silêncio dos docentes: uma nova configuração? In: **Linhas Críticas:** Revista semestral da Faculdade de Educação [14(27): 301 – 17. jul/.dez.]. Brasília: Unesco/Edunb, 2008.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre:** imagens e auto-imagens. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. 251p.

BRASIL. Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. **Piso Salarial Nacional Professores Educação Básica.** Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br>. Acesso em: 30 jan. 2011.

_____. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 2006. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br>. Acesso em: 30 jan. 2011.

_____ **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br>. Acesso em: 30 jan. 2011.

CARON, Jean-Claude. Os jovens na escola: alunos de colégios e liceus na França e na Europa (fim só séc. XVIII – fim do séc. XIX). In: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens 2:** da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.: 137 – 193.

CUNHA, Maria Isabel da. **O Bom Professor e sua Prática**. 9. ed. Campinas: Papirus, 1999. 184p.

DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubem. **Fomos maus alunos**. 5. ed**.** Campinas: Papirus, 2003. 128p.

DURKHEIM, Émile [1858-1917]. ***As formas elementares de vida religiosa*.** São Paulo: Paulinas, 1989, 535 p.

_____. ***Sociologia e Filosofia****.* São Paulo: Ícone, 1994. 145 p.

DOUGLAS, Mary Leakey [1927-2007]. ***Como as instituições pensam.*** São Paulo: Edusp, 2007. 141 p.

ESTEVE, José M. Mudanças sociais e função docente**.** In: NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor.** 2. ed. Portugal: Porto. 1999. p. 93 – 124.

FABRE, Daniel. Ser jovem na aldeia. In: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens 2:** da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.: 49 – 81.

FRASCHETTI, Augusto. O Mundo Romano. In: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos jovens 1:** da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 p.: 89-95.

HOROWITZ, Elliott. Os Diversos Mundos da juventude Judaica na Europa: 1300 – 1800. In: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos jovens 1:** da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.: 94 – 131.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). Introdução. LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. (Orgs.) ***História dos Jovens 1:*** da antiguidade a era moderna. São Paulo: Companhia das Letras, p.08 – 14

LUZZATTO, Ségio. Jovens rebeldes e revolucionários: 1789 - 1917. In: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (Orgs.). História dos jovens 2: **da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.: 195 – 257.**

MAIA, Rui Leandro (org.). **Dicionário de Sociologia.** Portugal: Porto, 2002. p.128-129.

MALVANO, Laura. O mito da juventude trasmitido pela imagem: o facismo italiano. In: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens 2:** da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.: 259 – 290.

MARCHELLO-NIZIA, Christiane. Cavalaria e cortesia. In: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens 1:** da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.: 141 – 190.

MICHAUD, Eric. Soldados de uma ideia: os jovens sob o Terceiro Reich. In: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens 2:** da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.: 291 – 317.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais:** investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2007. 404 p.

MOREIRA, João Manuel. **Questionários:** Teoria e Prática. Coimbra/Pt.: Almeidina, 2004. 563 p.

NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores In: NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor.** 2. ed. Portugal: Porto. 1999. p.: 13 – 34.

PASSERINE, Luisa. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália facista e os Estados Unidos da década de 1950. In: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens 2:** da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.: 319 – 382.

PASTOUREAU, Michel. Os emblemas da juventude: atributos e representações dos jovens na imagem medieval. In: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens 1:** da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.: 245 – 263.

PERROT, Michelle. A juventude operária. Da oficina à fábrica. In: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens 2:** da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.: 83 – 136.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Ética e Competência**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção questões de nossa época; V. 16). 86 p.

SCHNAPP, Alain. A imagem dos jovens na cida de grega. In: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens 1:** da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.: 19 – 57.

SCHINDLER, Nobert. Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primódios da Era Moderna. In: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens 1:** da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.: 265 – 324.

SINGER, Paul. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Paulo (Orgs). **Retratos da juventude brasileira:** análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo/ Instituto Cidadania, 2008. p.: 25 - 37.

Referências Consultadas:

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2007. 448p.

AGUIAR, Flávio; DORIA, Og (Orgs.). A escola e a letra. **São Paulo: Boitempo Editorial, 2009, 216p.**

BARBOSA, Livia. **Igualdade e meritocracia:** a ética do desempenho nas sociedades modernas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 216p.

CASTANHO, Maria Eugênia. Trabalho, educação e sociedade: práticas pedagógicas e formação do educado. In: Linhas Crísticas: Revista semestral da Faculdade de Educação **[14(27): 177-90, jul/.dez.]. Brasília: Unesco/Edunb, 2008.**

FERREIRA, Rodolfo. **Entre o Sagrado e o Profano:** O lugar social do professor. Rio de Janeiro: Quartet, 1999. 136p.

NÓVOA, António (Org.). Profissão professor. **2. ed. Portugal: Porto. 1999. 191 p.**

6) Apêndices

6.1) Índice de gráficos:

Gráfico 1: Sexo 55
Gráfico 2: Idade 55
Gráfico 3: Estado Civil 56
Gráfico 4: Cor/Raça 56
Gráfico 5: Orientação Sexual 57
Gráfico 6: Religião 57
Gráfico 7:Renda Familiar 58
Gráfico 8: De modo geral a maioria dos professores é. 59
Gráfico 9: Bom professor é aquele que. 60
Gráfico 10: Definição de mau professor. 61
Gráfico 11: Relação do aluno com o professor dentro da sala de aula. 62
Gráfico 12: Relação dos alunos com os professores fora da sala de aula. 63
Gráfico 13: Relação dos alunos com seus professores fora da escola. 63
Gráfico 14: Seu relacionamento com algum professor contribuiu para mudar o seu comportamento? 64
Gráfico 15: Relação com o professor mudou seu comportamento fora da escola? 65
Gráfico 16: Gostaria de ser professor? 66

6.2) Questionário - Professor

Esta pesquisa está sendo feita com os jovens do DF. Sua resposta é muito importante para nós. Pedimos que seja **muito sincero (a)** ao responder. E se possível não deixe questões em branco. **Não** precisa assinar ou escrever seu nome. Fique tranquilo (a), ninguém saberá quem respondeu.

01 – Sexo
a. ( ) Masculino
b. ( ) Feminino

02 – Idade
a. ( ) Menos de 15 anos
b. ( ) 15 anos
c. ( ) 16 anos
d. ( ) 17 anos
e. ( ) 18 anos
f. ( ) Mais de 18 anos

03 – Estado Civil
a. ( ) Solteiro (a)
b. ( ) Casado (a)
c. ( ) Viúvo (a)
d. ( ) Separado/Divorciado (a)
e. ( ) Amigado e/ou Juntado

04 – A sua cor ou raça é:
a. ( ) Branca
b. ( ) Negra
c. ( ) Amarela
d. ( ) Parda
e. ( ) Indígena

05 – Orientação Sexual
a. ( ) Heterossexualidade
b. ( ) Homossexualidade
c. ( ) Bissexualidade

06 - Quantos irmãos você tem? _____

07 – Quem mora com você? Marque quantos for necessário:
a. ( ) Pai
b. ( ) Mãe
c. ( ) avós

d. ( ) irmãos
e. ( ) Marido e/ou Esposa e/ou Companheiro (a) e/ou Namorado (a)
f. ( ) Filhos
g. ( ) padrasto
h. ( ) madrasta
i. ( ) Outros. Quais? _____

08 – Qual é o grau de escolaridade de sua mãe?
a. ( ) Pós-graduação Completa
b. ( ) Pós-Graduação Incompleta
c. ( ) Superior Completo
d. ( ) Superior Incompleto
e. ( ) Ensino Médio (2º grau) Completo
f. ( ) Ensino Médio (2º grau) Incompleto
g. ( ) Ensino Fundamental (1º grau) Completo
h. ( ) Ensino Fundamental (1º grau) Incompleto
i. ( ) Não é alfabetizada

09 – Profissão da mãe: _____

10 – Qual é o grau de escolaridade de seu pai?
a. ( ) Pós-graduação Completa
b. ( ) Pós-Graduação Incompleta
c. ( ) Superior Completo
d. ( ) Superior Incompleto
e. ( ) Ensino Médio (2º grau) Completo
f. ( ) Ensino Médio (2º grau) Incompleto
g. ( ) Ensino Fundamental (1º grau) Completo
h. ( ) Ensino Fundamental (1º grau) Incompleto
i. ( ) Não é alfabetizado

11 – Profissão do Pai: _____

12 – Qual a renda **mensal** da sua **família**?
a. ( ) **Menos** de um salário mínimo por mês (R$ 510,00)
b. ( ) Exatamente um salário mínimo por mês = R$ 510,00
c. ( ) Mais de um e menos de dois salários mínimos por mês (de R$ 510,00 a R$ 1.020,00)
d. ( ) Mais de dois e menos de quatro salários mínimos por mês (de R$ 1.020,00 a R$ 2.040,00)
e. ( ) Mais de cinco salários mínimos por mês (R$ 2.550,00)

13 – Você tem filhos?
a. ( ) Sim
b. ( ) Não

14 – Se você tem filhos, Quantos? _____

15 - Qual a sua religião? **Não** a de seus pais.
a. ( ) Católica
b. ( ) Evangélica. Qual?_____
c. ( ) Espírita
d. ( ) Religião de Origem Africana. Qual? _____
e. ( ) Outra. Qual ? _____
f. ( ) Não tem

16 – Em qual cidade você mora? _____

17 – A casa onde você mora é:
a. ( ) Própria
b. ( ) Alugada
c. ( ) Funcional (do trabalho)
d. ( ) Cedida (de favor)
e. ( ) Invadida (de invasão)

18 – A casa onde você mora é de:
a. ( ) Alvenaria (tijolo)
b. ( ) Barraco
c. ( ) Latão
d. ( ) Lona
e. ( ) Outra. Qual? _____

19 - Quantos quartos tem em sua casa? _____

20 - Quantos carros tem sua família? _____

21 – Número de empregados em sua casa (babás, diaristas, domésticas): _____

22 – Escreva a quantidade de eletrodomésticos que tem em sua casa. Se você tem um, coloque o número 1, se tem dois, coloque o número 2 e assim por diante. SE você não tem em casa, coloque ZERO (00):
a. ( ) TV (canais abertos)
b. ( ) TV a cabo (canais pagos)
c. ( ) Computador
d. ( ) Aspirador de pó
e. ( ) Micro-ondas
f. ( ) Impressora
g. ( ) Máquina de lavar roupa
h. ( ) DVD
i. ( ) Banda Larga (aceso à internet)

23 - Você exerce alguma atividade remunerada?
a. ( ) Sim, tenho emprego.
b. ( ) Sim, faço estágio.
c. ( ) Sim, desenvolvo pesquisa.

d. ( ) Sim, realizo trabalhos esporádicos.
e. ( ) Sim, sou autônomo.
f. ( ) Sim, outra Atividade. Qual? _____
g. ( ) Não desenvolvo qualquer atividade remunerada.

24 - Se você exerce alguma atividade remunerada, qual a sua renda **pessoal**:
a. ( ) **Menos** de um salário mínimo por mês (R$ 510,00)
b. ( ) Exatamente um salário mínimo por mês = R$ 510,00
c. ( ) Mais de um e menos de dois salários mínimos por mês (de R$ 510,00 a R$ 1.020,00)
d. ( ) Mais de dois e menos de quatro salários mínimos por mês (de R$ 1.020,00 a R$ 2.040,00)
e. ( ) Mais de cinco salários mínimos por mês (R$ 2.550,00)

25 – De modo geral, a maioria de seus professores é:
a. ( ) Bem preparada
b. ( ) Despreparada
c. ( ) Atenciosa com os alunos
d. ( ) Indiferente com os alunos
e. ( ) Grosseira
f. ( ) Não sei

26 – Como você definiria um bom professor? Escreva os números de 1 a 5, em ordem de importância, sendo o número 1 o mais importante:
a. ( ) É aquele que vem a todas as aulas
b. ( ) É aquele que chega no horário
c. ( ) É aquele que sabe ensinar o conteúdo
d. ( ) É aquele que deixa os alunos fazerem o que quiserem
e. ( ) É aquele que corrige provas e exercícios

27 - Como você definiria um mau professor? Escreva os números de 1 a 5, em ordem de importância, sendo o número 1 o mais importante:
a. ( ) É aquele que cobra trabalho e estudo dos alunos
b. ( ) É aquele que impõe disciplina
c. ( ) É aquele que não sabe ensinar o conteúdo
d. ( ) É aquele que leva problemas para a direção
e. ( ) É aquele que é grosseiro com os alunos

28 – Como é seu relacionamento com a maioria de seus professores **dentro** da sala de aula?
a. ( ) Amigável
b. ( ) Educado
c. ( ) Agressivo
d. ( ) Indiferente
e. ( ) Não sei

29 - Como é seu relacionamento com a maioria de seus professores **fora** da sala de aula?

a. ( ) Somente os cumprimento nos corredores
b. ( ) Nem olho pra cara deles (as)
c. ( ) Procuro alguns deles para me aconselharem
d. ( ) Gentil
e. ( ) Indiferente

30 –Como é seu relacionamento com a maioria de seus professores **fora da escola**?
a. ( ) Saio com algum (ns) deles (as) para me divertir
b. ( )Procuro-os sempre que tenho problemas
c. ( ) Raramente os vejo
d. ( ) Somente os cumprimento na rua
e. ( ) Não existe

31 – Você gostaria de ser professor?
a. ( ) Sim
b. ( ) Não

32 – Explique por que:

,

33 – Seu relacionamento com **algum professor** contribuiu para mudar seu comportamento **na escola**? Marque mais de uma opção, se necessário:
a. ( ) Sim, passei a me dedicar mais ao estudo
b. ( ) Sim, perdi o interesse pelos estudos
c. ( ) Sim, passei a ser mais comportado
d. ( ) Sim, passei a ser mais bagunceiro
e. ( ) Não contribuiu com coisa alguma

34 – Seu relacionamento com **algum professor** contribuiu para mudar seu comportamento **fora** d**a escola**? Marque mais de uma opção, se necessário:
a. ( ) Sim, passei mais responsável
b. ( ) Sim, passei mais irresponsável
c. ( ) Sim, passei a não acreditar mais nas pessoas
d. ( ) Sim, passei a acreditar mais em mim mesmo
e. ( ) Sim, passei a correr mais atrás das coisas que quero
f. ( ) Sim, deixei de correr atrás das coisas que quero
g. ( ) Não contribuiu para coisa alguma